

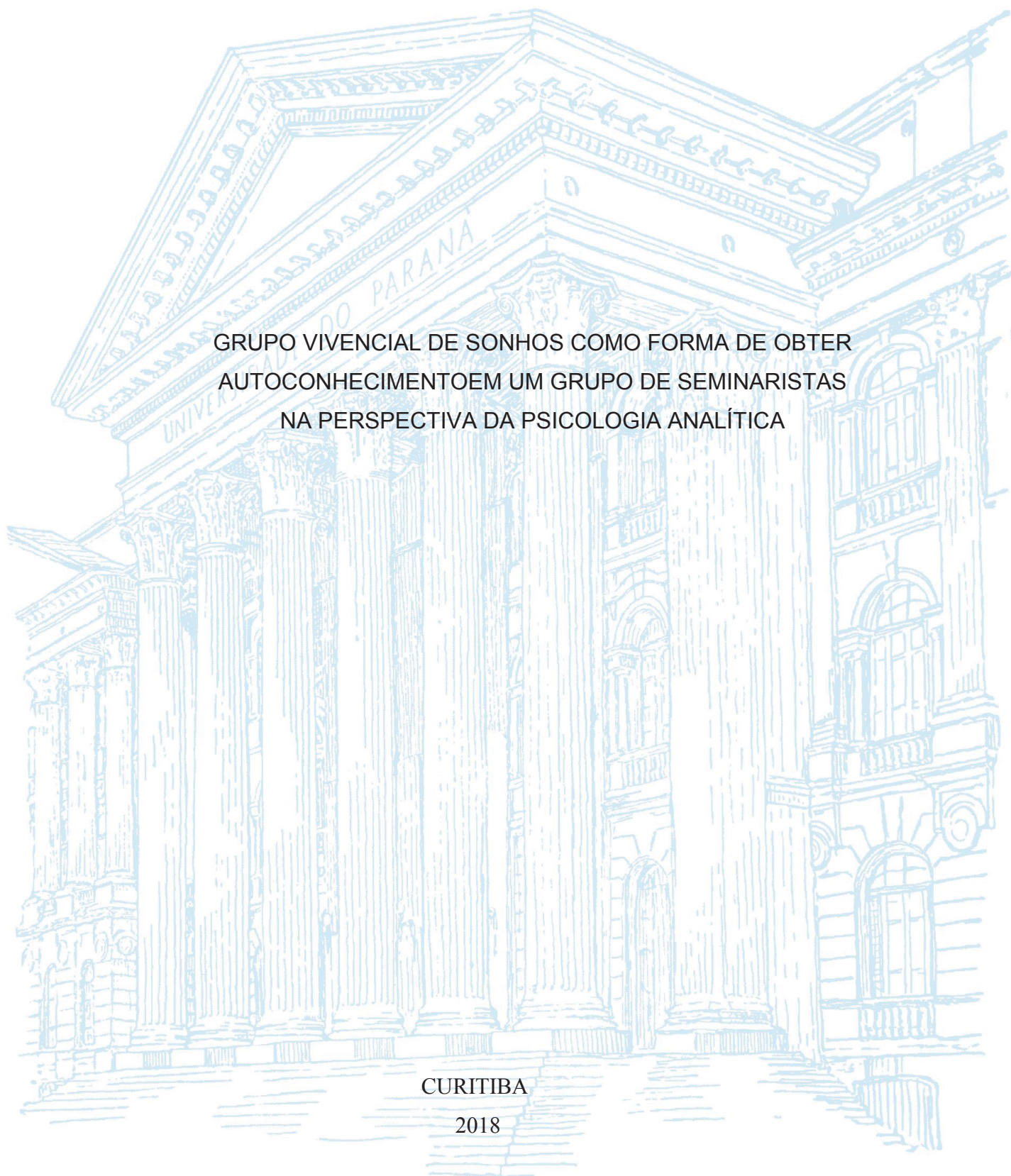
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALEXSANDRA MASSOLINI

GRUPO VIVENCIAL DE SONHOS COMO FORMA DE OBTER
AUTOCONHECIMENTO EM UM GRUPO DE SEMINARISTAS
NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

CURITIBA

2018



ALEXSANDRA MASSOLINI

GRUPO VIVENCIAL DE SONHOS COMO FORMA DE OBTER
AUTOCONHECIMENTO EM UM GRUPO DE SEMINARISTAS
NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação
em Psicologia Setor de Ciências Humanas Universidade
Federal do Paraná, como obtenção do título
de Mestre em Psicologia

Orientador: Profº Drº Carlos Augusto Serbena

CURITIBA

2018

Catálogo na Publicação

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Massolini, Alexsandra

Grupo vivencial de sonhos como forma de obter autoconhecimento em grupo de seminaristas na perspectiva da psicologia analítica / Alexsandra Massolini. – Curitiba, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Psicanálise. 2. Sonhos (Psicologia). 3. Psicologia e religião. 4. Seminaristas – Curitiba -PR I.Título.

CDD 154.63

ATA N° 162

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA.**

No dia vinte e oito de setembro de dois mil e dezoito às 08:30 horas, na sala 208, Departamento de Psicologia- Segundo Andar S 208 - UFPR

Praça Santos Andrade Centro

Curitiba do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da Mestranda **ALEXSANDRA MASSOLINI** para a Defesa Pública de sua Dissertação de Mestrado intitulada: **IMAGENS ONÍRICAS EM UM GRUPO DE SEMINARISTAS NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: **CARLOS AUGUSTO SERBENA**(UFPR), **ANDREA GRANO MARQUES**(UniCesumar), **MARCIO LUIZ FERNANDES**(PUC-PR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a(o) discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A Mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de Mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **CARLOS AUGUSTO SERBENA**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

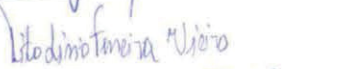
Observações: A banca exigiu - revisão ortográfica e numera, ajuste no texto, modificação nos objetivos e título e completar metadados, resultados e discussões.

Curitiba, 28 de Setembro de 2018.


CARLOS AUGUSTO SERBENA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


MARCIO LUIZ FERNANDES(PUC-PR)


ANDREA GRANO MARQUES(UniCesumar)



Tito Livio F. Vieira
(U.P.-PR)

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ALEXSANDRA MASSOLINI**, intitulada: **IMAGENS ONÍRICAS EM UM GRUPO DE SEMINARISTAS NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Setembro de 2018.



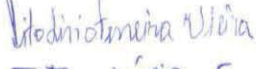
CARLOS AUGUSTO SERBENA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)



MARCIO LUIZ FERNANDES(PUC-PR)



ANDREA GRAND MARQUES(UniCesumar)



TITO LÍVIO F. VIEIRA
(UP-PR)



AUTORIZAÇÃO

Eu, Carlos Augusto Serbena, orientador(a) do aluno Alexsandra Mandini, autorizo o PPGPSI a solicitar o seu diploma de conclusão de curso, uma vez que o mestrando já concluiu as alterações sugeridas pela banca de Dissertação no trabalho intitulado O grupo vivencial de sonhos como forma de obter autoconhecimento em um grupo de seminaristas na Perspectiva da Psicologia Analítica.

Curitiba, 20 de março de 2018



ASSINATURA ORIENTADOR(A)

Agradecimentos

Agradeço ao Pe Paulo Henrique Oliveira Rocha F.N. pelo convite para trabalhar com seminaristas no período de 2010 -2014 e por acreditarem em meu trabalho, bem como, aos Pe Tiago Marietti F.N. e Pe Raimundo Alves Ferreira F.N. respectivos reitores do seminário, aos aspirantes ao sacerdócio que compartilharam em confiança suas dúvidas, dores e alegrias.

Esta pesquisa nasceu da experiência de trabalho com vocês.

Agradeço ao meu orientador professor Drº Carlos Augusto Serbena por acolher esta pesquisa, contribuir com sugestões e ideias e principalmente por sua compreensão e paciência diante de tantos percaussos da própria vida não relacionados diretamente com a pesquisa mas que interferiram diretamente no próprio cronograma da mesma.

Agradeço ao Pe Márcio Luiz Fernandes por ser um incentivador desta pesquisa, possibilitando que a mesma tomasse corpo, além da sua contribuição na banca avaliadora juntamente com professora Drª Andréa Grano Marques que contribui preciosas dicas na ocasião da qualificação e agradeço ao professor Drº Tito Lívio Ferreira Vieira por sua disponibilidade em fazer parte desta banca.

Agradeço aos meus colegas de mestrado por esta caminhada, trocas de idéias, cafezinhos, em especial a Samanta Forti , minha dupla nos estágios de docência, obrigada por compartilhar estes momentos, a graduanda Helena Azevedo de Araújo, que me acompanhou nesta pesquisa e dividiu comigo a árdua tarefa de transcrever 24 horas de grupos e entrevistas e construir tabelas.

Meu especial agradecimento a Jessica Caroline do Santos e André Gugelmin Valente, pelo apoio, trocas de ideias, sugestões e incentivo para que este trabalho chegasse à sua conclusão.

Agradeço os amigos e familiares que torceram por mim com palavras de incentivo e orações.

Agradeço ao meu filho Bernardo Massolini Walter por suportar pacientemente minha ausência mesmo estando presente fisicamente, principalmente nesta reta final.

Resumo

Os sonhos sempre despertaram interesse em diferentes culturas em diferentes épocas, sendo concebidos contemporaneamente como um meio para o autoconhecimento. O objetivo desta dissertação foi o de relatar e analisar os sonhos em grupo de seminaristas segundo a Psicologia Analítica. O trabalho em grupo permite que narremos e escutemos os sonhos um dos outros em um espaço protegido, que proporciona expressar e refletir num campo interacional, promovendo o autoconhecimento, facilitando assim a individuação em grupo. Os seminaristas geralmente baseiam sua vida em normas rígidas que levam a uma unilateralidade. A proposta deste Grupo Vivencial de sonhos é que eles possam através do relato dos sonhos entrarem em contato com aspectos não muito conhecidos e com isso possam ampliar seu entendimento de si mesmo e do outro. Foram realizados 8 encontros, assim como uma entrevista inicial e uma final com cada participante, todos seminaristas atualmente estudando Teologia. Os conteúdos trabalhados nas entrevistas e encontros foi transcrito e utilizado para uma análise qualitativa dos temas abordados. A forma de organização e tratamento dos dados escolhida para esta pesquisa foi descrição e análise da dinâmica do grupo em cada encontro e comparação da entrevista inicial e final dos participantes. Os resultados apontam que o grupo entrou em contato com aspectos de suas vidas até então desconhecidas e com isto obtiveram maior entendimento do momento em que cada um se encontra levando um maior autoconhecimento, usando a Psicologia Analítica como base teórica. A principal transformação observada foi a reflexão individual proporcionada pela intimidade e dinâmica estabelecida pelo grupo através da segurança e coesão do mesmo que os permitiu entrar em contato com partes rejeitadas anteriormente culminando em um maior autoconhecimento.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Grupo Vivencial de Sonhos; Seminaristas; Psicologia e Religião.

Abstract

Dreams have always sparked interest in different cultures at different times, and nowadays is understood as a means for self-knowledge. This dissertation aims to address and analyze dreams in a group of seminarians according to Analytical Psychology. Group work allows us to narrate and listen to each other's dreams in a protected space, that allows expression and reflection in an interactional field, promoting self-knowledge, facilitating thus group individuation. The seminarians usually base their lives around strict rules that lead to unilateral experiences. The groups' proposal is that, through dream telling, the group can meet unknown aspects of themselves and therefore augment their understating of themselves and others. There were in total 8 meetings, as well as an initial and final individual interviews, all of them seminarians studying Theology. The contents explored in the interviews and group meetings were transcribed and formed the basis of a qualitative analysis of the themes discussed during the group meetings. The organization and treatment of the data acquired was the description and analysis of the group dynamic in each meeting, using information from individual interviews as a means to compare changes occurred throughout the meetings. The results found that the participants managed to get in touch with unknown aspects of themselves and thus obtained greater insights on their current moment in life. This analysis was obtained using Analytical Psychology as the theoretical framework through which interpret the findings. The main transformation observed was the individual capacity for reflection allowed by the intimacy and group dynamic established through a perception of safety and group cohesion that allowed them to meet rejected aspects of themselves, conferring greater self-knowledge.

Keywords: Analytical Psychology; Experiential Group; Seminarians; Psychology and Religion.

Hino de consagração a Eros¹

(Amor, para o pensamento arcaico).

A inteligência sem Eros, te faz perverso.

A Justiça sem Eros, te faz implacável.

A diplomacia sem Eros, te faz hipócrita.

O êxito sem Eros, te faz arrogante.

A riqueza sem Eros, te faz avaro.

A docilidade sem Eros, te faz servil.

A pobreza sem Eros, te faz orgulhoso.

A beleza sem Eros, te faz ridículo.

A autoridade sem Eros, te faz tirano.

O trabalho sem Eros, te faz escravo.

A simplicidade sem Eros, te deprecia.

A oração sem Eros, te faz introvertido.

A lei sem Eros, te escraviza.

A política sem Eros, te deixa egoísta.

A fé sem Eros, te deixa fanático.

A religião sem Eros, se converte em tortura.

¹Eros é o "Princípio Motor Cósmico" (Salis, 2002).

SUMÁRIO

1. Sonhos e revelações: da experiência religiosa à terapêutica psicológica	1
1.1 <i>Objetivos</i>	13
1.2 <i>Método</i>	14
2. Sonhos, religião e psicologia: encontros e desencontros	18
2.1 <i>Os sonhos na Psicologia Analítica</i>	21
2.2 <i>O trabalho com sonhos no contexto de grupos</i>	25
2.3 <i>Participantes do Grupo Vivencial</i>	27
2.4 <i>Entrevistas e estranhamentos</i>	28
3. O grupo de sonhos de seminaristas: resultados e discussão	36
3.1 <i>Constituição e característica do grupo</i>	36
3.2 <i>Contexto e dinâmica dos encontros</i>	42
3.3 <i>A trajetória do Grupo Vivencial: aspectos trabalhados e dinâmica grupal</i>	44
3.4 <i>O primeiro encontro: combinados e primeiras vivências</i>	44
3.5 <i>O segundo encontro: elaborações e aprofundamento da dinâmica grupal</i>	47
3.6 <i>O terceiro encontro: encenações em grupo</i>	51
3.7 <i>O quarto encontro: os cenários dos sonhos</i>	54
3.8 <i>O quinto encontro: sonhos de infância e adolescência</i>	56
3.9 <i>O sexto encontro: passado secular e escolha religiosa</i>	62
3.10 <i>O sétimo encontro: imaginando finais diferentes</i>	64
3.10 <i>O oitavo encontro: linha do tempo e fechamento</i>	68
4. Discussão	73
4.1 <i>Considerações finais</i>	80
Referências	83
ANEXO A: Roteiro da entrevista inicial	87

ANEXO B: Roteiro da entrevista final.....	89
ANEXO C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	90
ANEXO D: Desenhos dos sonhos trabalhados no quarto encontro.....	92

TABELAS

Tabela 1: Dados sócio demográficos dos seminaristas ...**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 2: Sentimentos e expectativas com relação ao trabalho onírico**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 3: Encontros e Consígnias**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 4: Sonhos trabalhados no primeiro encontro**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 5: Sonhos trabalhados no segundo encontro.....**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 6: Sonhos trabalhados no terceiro encontro.....**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 7: Sonhos trabalhados no quarto encontro.....**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 8: Sonhos trabalhados no quinto encontro.....**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 9: Sonhos trabalhados no sexto encontro.....**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 10: Sonhos trabalhados no sétimo encontro**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 11: Percepção dos seminaristas sobre o Grupo Vivencial**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 12: Percepção em relação ao trabalho com sonhos**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 13: Grupo Vivencial de sonhos como ferramenta de trabalho**Error! Bookmark not defined.**

Tabela 14: Sonhos significativos.....**Error! Bookmark not defined.**

1. Sonhos e revelações: da experiência religiosa à terapêutica psicológica

Os sonhos têm fascinado os seres humanos das mais diversas culturas e nos mais variados contextos históricos há muito tempo. Este fascínio se traduz nas mais diversas interpretações e teorias a respeito da natureza e significados dos sonhos. A multiplicidade de visões a respeito dos sonhos destaca, de um lado, diferentes modos de conceber este fenômeno e, de outro, a importância do sonho como experiência significativa, seja de modo individual, na figura do sonhador, seja como aspecto basilar de uma determinada cultura. Desde o período da Antiguidade Clássica, o homem

[...]goza, em diária alternância, de dois tipos de experiência – *υπαρ* e *ουαρ* [“visão de realidade” e “sonho”], como os gregos as chamavam –, cada qual com sua lógica e limitações próprias. Não há obviamente nenhuma razão para achar que uma delas é mais significativa do que a outra. Se o mundo da vigília tem as vantagens de solidez e de continuidade, suas oportunidades sociais são, por outro lado, terrivelmente restritas. Dentro dele só podemos, via de regra, encontrar nossos vizinhos; ao passo que o mundo dos sonhos oferece a possibilidade de um relacionamento, ainda que fugidio, com amigos distantes, com mortos e deuses (Dodds, 2002, p. 107).

Este modo de conceber o mundo onírico e o mundo desperto como duas realidades igualmente viáveis, como dois lados de uma mesma moeda, não era exclusividade do homem antigo. Diversos estudos etnológicos mostram que diversas culturas, distantes entre si no tempo e no espaço, conferem ou conferiam aos sonhos e à experiência onírica uma equivalência com a experiência no mundo desperto. Esta relação de equivalência entre o mundo onírico e o mundo desperto é indissociável da importância dos sonhos como fonte privilegiada de experiência religiosa e fonte da revelação divina, uma vez

que, por ser equivalente ao mundo desperto, tem a característica de ser um acontecimento objetivo. O sonhador não sonha um sonho, mas o sonho ocorre ao sonhador (Dodds, 2002; Frazer, 1980).

Os sonhos, nesta visão, são acontecimentos objetivos, “[...]’enviados por deuses’, nos quais uma única figura onírica se apresenta, como em Homero, ao sonhador e lhe passa uma profecia, um conselho ou um aviso” (Dodds, 2002, p. 112). O lugar do sonho era um lugar privilegiado para o encontro com as diversas formas da divindade, um solo fértil a partir do qual foi possível o estabelecimento de um conhecimento a respeito deste sagrado, sedimentado nos mitos, as cosmogonias e nas doutrinas religiosas de maneira geral. Com efeito, o sonho como possibilidade de morada do homem como realidade fundamental apresentava uma importância epistemológica, uma vez que serviu de base para os mais diversos mitos, revelações e profecias; estes, por sua vez, não eram simples narrativas cristalizadas em uma certa cultura, mas eram modos de determinadas culturas de explicar e conhecer o mundo (Eliade, 2013).

O mundo profundo dos sonhos abria espaço para o homem entrar em contato com a verdade profunda de sua existência; inversamente, a profundidade da experiência também apontava para uma profundidade do mundo. Esta relação dialética entre a profundidade da experiência onírica e sua similaridade à linguagem mitológica diz respeito ao modo particular de relação com o mundo destas culturas. De modo geral, o sonhar como participação de um desdobramento possível do real atesta a realidade da divindade; a divindade, ao participar da vida humana indo ao seu encontro também atesta a relação íntima entre conhecer o mundo e conhecer a divindade (Durand, 2008b).

Um dos elementos ainda presentes nos tempos atuais, proveniente desta visão de mundo que concebe o sonho como uma das maneiras de encontro com a divindade,

encontra-se nas religiões monoteístas. Segundo Grün (2002), o cristianismo é herdeiro do pensamento grego que compreende o sonho como um acontecimento verdadeiro. Nos textos bíblicos, o sonho aparece como uma das maneiras utilizadas pela divindade para transmitir a sua sabedoria: com sonhos proféticos, transmitindo visões, admoestações ou conselhos ao sonhador. Personagens bíblicos sonham ou interpretam sonhos, que de modo geral revelam acontecimentos que acontecerão ou revelam uma verdade oculta. Os sonhos e suas diversas formas de sentido, na característica de encontro com a palavra divina, têm como função “[...]de confrontar-nos com a verdade da nossa vida e exigir que nos coloquemos diante da verdade e lhe respondamos de modo correto” (Grün, 2002, p. 13).

Esta relação entre o sonho e a revelação se dá em função de uma visão de mundo onde a experiência vivida, por ser imediata, é concebida como válida do ponto de vista da construção do conhecimento. Do ponto de vista epistemológico, entretanto, é o próprio cristianismo que acabou por lançar as bases epistemológicas para que esta concepção de mundo se modificasse. Segundo Durand (2008a), isto se dá na própria origem do cristianismo, na divisão entre o reino dos homens e o reino de Deus. Esta cisão entre os dois mundos abre caminho para

[...]a separação radical, em um primeiro momento, do mundo profano, aberto ao saber, e do mundo da fé e, em um segundo momento, da subordinação destes dois mundos às realidades da história, à vontade dos príncipes deste mundo, mesmo sendo estes portadores da tiara (Durand, 2008a, p. 22).

É esta brecha que permite a modificação do conhecimento adentrar de modo exclusivo o reino dos fatos que lança as bases para o pensamento científico atual, possibilitando a transformação do mundo sensível em um mundo composto de matéria

morta; o mundo dos sonhos tornar-se apenas um reflexo deste primeiro, não mais acesso ao real pois destituído de sua substância que lhe conferia realidade.

Este processo de desencantamento do mundo, uma vez que relega o encontro com o divino para fora do mundo da experiência, modifica o estatuto fundamental da realidade. Para Romanyshyn (2005), o processo histórico de desencantamento do mundo, ao expulsar a divindade do mundo da experiência vivida, fornece as condições para a própria expulsão do homem do mundo no qual está inserido. Este processo ocorre de maneira gradual, iniciando com a expulsão da divindade do mundo vivido, relegando a divindade a um além-mundo: para fora dele, longe da experiência e com caráter abstrato, ou para dentro, como experiência pessoal, porém destituída de realidade (Romanyshyn, 2005, p. 44–45).

As origens do atual método científico encontram suas origens neste pano de fundo epistemológico. O cartesianismo, ponto de inflexão metodológica das ciências naturais, deve ser localizado como uma continuidade de um processo histórico (Durand, 2008b; Romanyshyn, 2005). Em suas *Meditações Metafísicas* (Descartes, 2005) de 1640, um dos fios condutores do pensamento de Descarte é a tentativa de estabelecer um método que forneça um critério para se chegar à verdade. A dúvida metódica que serve para a investigação cartesiana chegar a um parâmetro confiável para se estabelecer um conhecimento verdadeiro, tem seu início com uma comparação ao mundo sensível e o mundo dos sonhos (Withers, 2008).

O sonho de Descartes serve como um primeiro indício daquilo que é duvidoso, ao se perguntar: “Quantas vezes aconteceu-me de sonhar, à noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse todo nu em minha cama?” (Descartes, 2005, p. 32–33). A partir desta dúvida primeira é lançada a base do

pensamento cartesiano e, por consequência, o pensamento que embasa o método científico. A partir da diferenciação primeira entre o sonho e o mundo sensível e, posteriormente, o ato de duvidar da realidade deste mundo sensível, é que se torna possível estabelecer um método confiável de construção do conhecimento. Este método acaba por separar a razão, entendida aqui como a faculdade que permite a dúvida, em uma *res cogitans*, do corpo, tornada em uma *res extensa* – a coisa pensante e a coisa extensa. Transformados em coisas e separados uma da outra, tornam-se antagônicos, uma vez que o corpo sensível também é fonte do erro, servindo apenas como um invólucro para a mente (Descartes, 2005, p. 43–55).

A transformação do espaço vivido em extensão e em matéria permite que ele seja dividido em suas partes constitutivas, moldado de diversas maneiras através da técnica e observado por um sujeito separado dele que pode conhecê-lo. A razão, entendida aqui como faculdade mental, torna-se o instrumento a partir do qual é possível se chegar ao conhecimento deste espaço vazio e da matéria (Romanyshyn, 2005, p. 68). A razão desencarnada adquire a primazia perante o mundo vivido. As demais faculdades como a imaginação, o devaneio e o sonho são relegadas ao irracional e, portanto, pertencentes à categoria de erro e de engano (Durand, 2010).

Em paralelo às mudanças epistemológicas ocorridas no campo das ciências, o cristianismo também se transformou e se consolidou como um dos pilares da cultura Ocidental. De suas origens como um amálgama de tradições diversas, herdando diversos elementos da religião judaica e influências helenísticas presentes na época (Pelikan, 1971, p. 13–18), o cristianismo transformou-se de uma religião perseguida pelos romanos na religião oficial do império. Segundo Kearns (2015), o início do cristianismo demonstrou ser uma época bastante intensa; em função da perseguição romana, o ato de batismo e

conversão ao cristianismo significava um ato de fé e aceitação. O batismo era um ritual pleno de significado pois com ele significava também entregar-se à divindade de modo total, uma vez que este ato significava também a possibilidade bastante real do convertido se tornar em mártir. A radicalidade do batismo, no contexto de perseguição romana e possibilidade de martírio, assinalavam que o ato de conversão era um ato profundo, uma experiência religiosa profunda em si mesma: mais que uma cerimônia, o batismo significava a entrega do convertido como um todo à divindade (Kearns, 2015, p. 5–20).

Com o fim da perseguição como resultado da crescente tolerância romana com relação ao cristianismo, o sacramento do batismo paulatinamente deixou de ser sinônimo de sacrifício e martírio. Em termos de organização e experiência religiosa, o batismo deixou de ser uma forma de aliança radical com Deus. Se de um lado isso possibilitou a crescente popularidade na nova fé, também significou a necessidade de estabelecer novos meios de estabelecimento desta aliança radical com a divindade através da experiência. Para Kearns (2015), foi esta necessidade de afirmação de um modo radical de experimentar a divindade que levou diversos religiosos a procurarem uma maneira alternativa de sacrifício. Enquanto a perseguição e o martírio significavam ao mesmo tempo um sacrifício em nome de sua fé e um modo radical de experimentar, com o fim da perseguição em 312, com o Edito de Milão, e o estabelecimento da Igreja como instituição, o sacrifício exigido por esta necessidade de aliança radical com Deus para alguns continuou como necessidade primeira para diversos cristãos. Para alguns, o modo de recuperar esta experiência se deu na forma de um isolamento do mundo, foram “[...] para ‘o deserto’, para viver seu batismo na radicalidade” (Kearns, 2015, p. 17). Estes religiosos que procuraram a experiência a partir de uma jornada para a fora da

comunidade, em direção a um mundo interior a partir do qual era possível encontrar a radicalidade da sua fé.

As origens das diversas ordens monásticas da Igreja Católica encontra-se no desdobramento histórico das comunidades religiosas criadas como resultado dessa busca. Estas se formaram ao redor desses religiosos que buscaram o isolamento e a experiência interior na medida em que se tornaram pontos de referência para os demais cristãos que os buscavam para melhor apreender o sentido verdadeiro da fé e da consagração. Apesar desses religiosos não buscarem, necessariamente, sobrepor sua experiência à Escritura, sua busca por transformar sua existência em uma existência dedicada exclusivamente a Deus atraiu diversos seguidores que desejavam o mesmo. A consagração como experiência de uma aliança radical se assentava em quatro pilares básicos: “[...]a vivência do Primado Absoluto por meio de uma consagração religiosa; a missão profética na Igreja; a vida em comunidade; a profissão pública de consagração religiosa” (Kearns, 2015, p. 22).

O estabelecimento de comunidades ao redor desses religiosos e a importância delas ao fornecerem uma comunidade consagrada à vivência de Deus tornou-se um elemento importante na instituição da Igreja em seu desenvolvimento histórico. Apesar de não oferecerem uma nova teologia, a proposta de dedicar a vida para viver o Evangelho de forma radical, o estabelecimento das comunidades religiosas serviu também como modo de realização histórica da palavra divina através de obras e ações a partir dessas comunidades (Kearns, 2015, p. 35). Neste início, podemos entender que o isolamento monástico no início da formação das congregações configurava um meio para se chegar à consagração junto à divindade.

No desenrolar histórico institucional da Igreja, entretanto, o lugar dessas comunidades cristãs acabou acarretar em uma modificação profunda no sentido dessas congregações. Se no início o isolamento desses primeiros cristãos era um meio para se alcançar a experiência religiosa genuína, pautada em quatro princípios básicos que forneciam parâmetros para se chegar a este modo de existência, as mudanças ocorridas no seio da Igreja como instituição acabaram por substituir a consagração como modo de ser pela observação de votos públicos, livremente aceitos, a saber, a castidade, pobreza e obediência, como único modo possível de consagração. Kearns (2015) localiza esta transformação, da ênfase da vivência religiosa como caminho para a consagração em observação de preceitos rígidos como caminho único para esta vivência, na contrarreforma Católica que ocorreu em reação à Reforma Luterana na primeira metade do século XVI. O Concílio de Trento (1545-1563) formalizou os votos de pobreza, castidade e obediência como meios únicos para o devoto atingir a consagração em detrimento à vocação para a experiência e a vivência religiosa propriamente dita. Isto representou uma mudança radical no modo de funcionamento das congregações, uma vez que a necessidade de vivência e experiência religiosa como modo de consagração foi a condição de possibilidade para a criação das mesmas.

Esta mudança e estreitamento do caminho para a consagração transformou o isolamento monástico na direção da obediência a regras e hierarquias eclesiásticas. Se aqueles que procuravam a vida em uma comunidade religiosa como forma de seguir uma vocação, a rigidez hierárquica transformou a vida monástica em uma profissão (Kearns, 2015, p. 11–35). De modo geral, podemos entender esta mudança como tentativa de reorganização da instituição eclesiástica e resultado da mudança de perspectiva transcorrida na Igreja Católica ao longo de sua história. Entretanto, o resultado da

formalização dos três votos como meios únicos para a consagração trouxe consigo uma crescente secularização do modo de compreensão católica ao significado da consagração (Grün, 2002; Kearns, 2015). Podemos entender esta mudança imposta pela organização da Igreja, e as consequências advindas dessa mudança, levando em consideração que a iniciativa de consagração, nos primórdios do cristianismo, tinha sua origem em uma necessidade pessoal. As regras e parâmetros utilizados encontravam sua origem a partir da experiência e necessidade daquele que desejava estabelecer um vínculo mais autêntico com Deus e a partir das escrituras. Em contrapartida, a necessidade de obediência dos votos de castidade, pobreza e obediência, estava mais associada à instituição do que às necessidades de experiência pessoal, um modo de evitar mais cisões teológicas no seio da Igreja Católica (Veyne, 2010). A institucionalização de vida consagrada e sua ênfase na observação de regras como caminho único levou, como nota Kearns (2015), a uma secularização da consagração, uma vez que os moldes da consagração nos presbíteros tornou-se independente da vida movida pelo contato com Deus através do sacrifício pessoal; ao contrário, tornou-a dependente e mediada pelos moldes institucionais impostos de fora. Em outras palavras, a secularização dos presbíteros ocorreu na medida em que o caminho para a santidade tinha como único requerimento a obediência à instituição, alheia a uma experiência autêntica com a divindade.

O processo histórico da organização eclesiástica e a mudança epistemológica do estatuto do sonho e a experiência do sonhar são elementos de um movimento histórico mais geral de mudança de concepção a respeito do mundo. A associação entre o sonho e a divindade, e entre a experiência pessoal como modo privilegiado de consagração divina, de aspectos centrais de uma visão de mundo onde a verdade divina é idêntica ao que hoje concebemos como conhecimento científico, uma vez que o mundo é um mundo permeado

pela presença divina, torna-se um mundo composto de matéria morta (Durand, 2008b; Romanyshyn, 2005). De um modo mais geral, a transformação histórica desses dois elementos antes associados de modo intrínseco é sinal de uma mudança de paradigma histórico mais geral, que envolve a concepção de mundo como um todo. Esta mudança paradigmática vai separar os elementos verdadeiros dos falsos, estabelecendo metodologias e formas de separar aquilo que é verdadeiro e separar o que é falso; em outras palavras, a experiência por si só deixou de ser critério de verdade, assim como a fé e atos de fé deixaram de ser critérios de contato com a divindade (Veyne, 1988).

Esta mudança de paradigma, na qual o estatuto dos sonhos e da vida consagrada são elementos constitutivos, formam a base daquilo que contemporaneamente entendemos como método científico. Isto é, a diferenciação entre o mundo divino e o mundo vivido como dois aspectos completamente separado transforma o sonho, antes lugar de contato entre o homem e o divino, como um acontecimento individual e sem importância para o conhecimento, seja do mundo humano, seja do mundo divino. Conforme mencionado anteriormente, esta mudança encontra sua origem no desenvolvimento mesmo da atitude religiosa cristã, ao fornecer as bases para que se tornasse possível a separação entre a divindade e o mundo como dois elementos distintos. É a partir desta possibilidade de separação primeira que há, como colocam Durand (Durand, 1988, 2010) e Veyne (1988), uma mudança no estatuto da imaginação, fonte primeira da experiência religiosa, dos sonhos e da criação com faculdade humana que liga o homem ao mundo. De modo geral, a concepção que fornecia ao sonho sua realidade como acontecimento e a concepção que atesta a realidade do divino é indissociável da concepção de mundo que concebe a imaginação como faculdade humana que delimita um mundo e insere o homem em um mundo divino (Durand, 1988).

A divindade não pode ser reduzida a um psicologismo, pois é uma qualidade da experiência derivada de si mesma (Veyne, 2010, p. 28–29); entretanto, a dissolução da imaginação como função que liga o homem ao mundo teve como resultado a dissolução dos diversos elementos que compunham a imaginação, transformando-os em objetos de estudos distintos a partir de epistemologias distintas (Durand, 2008b). O sonho, antes um dos elementos constitutivos da experiência divina, tornou-se objeto da psicologia, ciência possibilitada pelo recorte promovido pelo cartesianismo que separa a mente do mundo (Romanyshyn, 2005); enquanto a experiência religiosa torna-se objeto dos diversos desdobramentos do cristianismo que se constituíram ao longo da história (Kearns, 2015).

Embora separados, a relação entre o sonho e a experiência religiosa muitas vezes acabam por se encontrar, servindo como ponto de encontro de diálogo interdisciplinar. Mesmo objetos de estudo de disciplinas distintas, a experiência religiosa e as manifestações oníricas por muito tempo e em diversas ocasiões encontraram-se associados, apesar de não mais associados diretamente com a divindade ou como forma de conhecimento. É preciso notar que esta separação em dois objetos distintos não se deu de forma instantânea, muito menos de forma total. Com efeito, como mostra Ellenberger (1994), o sonho aparece como uma das formas de acesso ao tratamento de doenças desde a Antiguidade, e assim permaneceu mesmo através das diversas mudanças de paradigmas relacionadas ao estatuto da experiência do sonhar. Mesmo deixando de ser um instrumento de comunicação divina, a utilização de sonhos para o tratamento de determinados tipos de doença permaneceu constante até o final do século XIX. Com efeito, as origens daquilo que hoje conhecemos como psicologia clínica retraça suas origens não em laboratórios ou universidades, mas em práticas eminentemente religiosas dos curandeiros, oráculos e clérigos. A diferença entre a prática religiosa de cura das

almas e da psicoterapia tal como a conhecemos hoje aparece a partir da mudança de linguagem utilizada na explicação de certos fenômenos, cuja mudança marca o início daquilo que Ellenberger (1994) denomina de Psiquiatria Dinâmica, protótipo das psicoterapias do inconsciente atuais (Ellenberger, 1994, p. 55–58).

A relação entre o sonho e a experiência religiosa é, portanto, bastante complexa e repleta de nuances. Embora não tenhamos exaurido os diversos pontos de contato, os encontros e desencontros epistemológicos ao longo do processo histórico, é possível entrever que a experiência onírica e a experiência religiosa aparecem associados de diversas maneiras, tangenciando assuntos mais amplos como o histórico do cristianismo desde sua gênese; o desenvolvimento do pensamento Ocidental e sua secularização da ciência como fazer autônomo tal como a conhecemos; a emergência da psicologia como ciência autônoma e, finalmente, uma relação próxima entre os fundamentos das psicoterapias modernas e as práticas de cura anteriormente associadas às figuras religiosas de modo geral. Esta relação complexa serve como pano de fundo para melhor balizarmos a questão central da presente dissertação, cujo fio condutor é a investigação da experiência onírica para um grupo de religiosos.

Do mesmo modo que a temática de sonhos e a vivência religiosa fazem parte de um espectro mais amplo de discussão, a presente dissertação é parte de uma pesquisa maior do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, intitulada Práticas de vivência e experiência com imagens oníricas no contexto de grupo e individual e a promoção de saúde, aprovado pelo comitê de ética sob o CAAE:49205815.0.0000.01.02 de 2015. Esta pesquisa maior tem como objetivo estudar a experiência onírica em diversos grupos de estudantes. Como modo de articular nosso objeto ao projeto de pesquisa na qual está inserido, os religiosos escolhidos para a

pesquisa são seminaristas de uma instituição religiosa no município de Curitiba, no Paraná. A presente pesquisa tem um caráter exploratório pois trata de uma população cuja temática e situação existencial é bastante específica, tornando necessária uma abordagem mais qualitativa e aproximativa.

1.1 Objetivos

O objetivo geral da presente dissertação é relatar e analisar, segundo a Psicologia Analítica, a realização de um Grupo Vivencial de sonhos composto de seminaristas. Para que isto seja possível, torna-se necessário estabelecer a metodologia adequada, justificando teoricamente a escolha de grupos vivencias como modo de obtenção dos dados, assim como estabelecer o modo de funcionamento desses grupos e a maneira que estes possibilitam o aprofundamento da experiência onírica no contexto grupal.

De modo a possibilitar o estabelecimento da dinâmica grupal e os conteúdos trabalhados a partir dela como forma de possibilitar a realização da pesquisa, foram elencados alguns objetivos secundários que visam auxiliar e informar o trajeto da pesquisa: estabelecer o funcionamento do Grupo Vivencial de sonhos com seminaristas; realizar encontros quinzenais onde serão abordados temas diversos referentes às vivências oníricas dos participantes; estabelecer, a partir dos conteúdos trabalhados, as temáticas e a dinâmica grupal articulados a aspectos teóricos próprios dos grupos vivenciais; e realizar uma discussão teórica a respeito das experiências do grupo no nível individual e coletivo referentes ao significado das experiências vivenciais.

Para que seja possível uma compreensão melhor do modo de estabelecimento dos grupos de seminaristas, primeiros delimitamos o método utilizado para o estabelecimento de grupos vivenciais. Conforme veremos, é necessário articular o modo de composição desses grupos e os procedimentos utilizados durante o processo de pesquisa com

elementos teóricos que fundamentam o trabalho com sonhos no contexto da psicologia clínica, de modo geral, e no contexto do trabalho de grupo, de modo específico aos grupos vivenciais.

1.2 Método

A metodologia utilizada para a organização e realização dos grupos vivenciais tem como objetivo fornecer um contexto fértil para a troca entre participantes, possibilitando um espaço onde os relatos de sonhos tenham como função a possibilidade de aprofundamento da experiência individual, onde o pesquisador serve como facilitador, evitando a interpretação dos conteúdos, porém guiando os participantes na direção de um aprofundamento de sua experiência subjetiva (Faria, Freitas, & Gallbach, 2014; Gallbach, 2014a; Yalom & Leszcz, 2006).

A partir destes parâmetros, o Grupo Vivencial de sonhos com seminaristas foi composto de 4 estudantes do seminário de forma voluntária. Foram realizados 8 encontros, com duração de 2 horas cada um. Foram incluídos participantes maiores de 18 anos, ambos os gêneros, estudantes de teologia do 1º, 2º, 3º ano, com disponibilidade em participar de atividades em grupo com duração de 2h semanais e flexibilidade para trabalhar questões pessoais e exposição a frustrações. Foram excluídos participantes que estejam em crise psiquiátrica devido instabilidade de humor e afetiva, ou em vulnerabilidade psicológica, sem possibilidade de trocas grupais.

Antes do primeiro encontro, foi realizada uma entrevista inicial com os participantes para a coleta de dados sócio-demográficos e explicação detalhada do funcionamento dos grupos vivenciais a partir dos protocolos elaborado por dos Santos & Serbena (2017) como forma de estruturar e conduzir os grupos vivenciais: 1) acolhimento dos participantes e apresentação dos terapeutas através da explicação do funcionamento

do grupo; 2) ênfase no processo de sonhos e do sonhar, colhendo informações a respeito da posição de cada participante com relação aos sonhos; 3) acolher os sonhos trazidos pelos participantes ao longo da realização dos grupos, explorando detalhes como as cenas, o enredo e a estrutura narrativa do sonho relatado; 4) disponibilização de material complementar à narrativa individual dos sonhos, como folhas, lápis de cor, canetas etc. conforme disponibilizado pelos pesquisadores; 5) encorajar a discussão entre os participantes sobre a experiência de relatar os sonhos no contexto grupal; 6) fomentar a discussão e reflexão do grupo a respeito dos sonhos de modo geral, como o lugar em nossa cultura, como presente nas diversas formas de arte; 7) comparar sonhos relatados ao longo dos encontros e realizar comparação entre eles, em conjunto com o modo de experiência do relato e do sonhar; 8) no encontro final, promover uma reflexão acerca da experiência dos participantes com relação à participação no grupo, de que modo o relato de sonhos auxiliou na reflexão de cada participante acerca da própria experiência.

Todos os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. O conteúdo trabalhado em cada encontro, a partir da entrevista inicial, foi então submetido a uma análise temática para melhor organizar os conteúdos trabalhados e os temas discutidos, de modo a permitir a sistematização da pesquisa. Os temas foram organizados de modo a destacar os temas trabalhados pelos participantes no grupo, destacando a narrativa dos sonhos e a troca ocorrida mediante as narrativas individuais, possibilitando a sistematização dos conteúdos trabalhados. Esses conteúdos, ao serem sistematizados no intuito de estabelecer as temáticas gerais trabalhadas, possibilitam a ampliação desses temas e uma melhor compreensão das dinâmicas presentes durante os grupos vivenciais.

Esta sistematização dos conteúdos e posterior reflexão se torna possível a partir da articulação das temáticas relativas aos sonhos e a experiência vivida com aspectos

teóricos. Neste sentido, por haver uma diversidade bastante grande a respeito dos sonhos em psicologia, torna necessária uma reflexão teórica anterior, no intuito de estabelecer as bases teóricas onde se torna possível a reflexão entre o sonho e a experiência vivida, assim como a articulação da metodologia de trabalho em grupos e as possibilidades de trabalho com sonhos. Conforme trabalhamos de modo breve as diversas pontes de contato entre a vivência onírica e a experiência religiosa propriamente dita, e o grupo estudado foi composto de estudantes religiosos, será realizado uma breve discussão teórica no sentido de explicitar os caminhos escolhidos para a realização da pesquisa e sua articulação teórica. Portanto, será realizada uma breve revisão bibliográfica a respeito da relação entre Grupo Vivencial e dinâmica dos sonhos, de forma a explicitar o funcionamento dos grupos vivenciais e articular esses grupos a partir de uma base epistemológica que nos permita trabalhar os sonhos como um modo de experiência. Esta revisão tem como objetivo delimitar e justificar a escolha epistemológica, uma vez que dentro da psicologia existem diversos modos distintos de trabalho com os sonhos nos diversos contextos em que aparecem.

Uma vez explicitada a matriz teórica a partir do qual torna-se possível trabalhar com sonhos como experiência vivida, será realizada uma articulação dessa possibilidade de trabalho em seu contexto de grupo, tendo como referencial o levantamento teórico acerca do trabalho com grupos no contexto psicológico, e modos de articulação do trabalho em grupo que possibilite a realização de pesquisa a respeito dos conteúdos trabalhados.

Esta presente dissertação se justifica por fazer parte do projeto maior intitulado: Práticas de vivência e experiência com imagens oníricas no contexto de grupo e individual

e a promoção de saúde, aprovado pelo comitê de ética sob o CAAE:49205815.0.0000.01.02 de 2015.

2. Sonhos, religião e psicologia: encontros e desencontros

Para que possamos abordar a vivência de sonhos em um Grupo Vivencial composto de seminaristas é preciso levar em consideração as diversas formas de compreensão a respeito do fenômeno do sonhar. Conforme verificamos em nossa breve introdução, o sonho é um fenômeno que carrega consigo uma complexidade histórica e epistemológica, produto de sua opacidade como experiência que ocorre ao sujeito e da multiplicidade de significados que pode vir a ter. Isto se dá tanto devido às sucessivas mudanças no seu significado cultural, de suas origens como um dos meios através do qual era possível um contato mais próximo com os deuses à noção mais recente do sonho como manifestação pessoal do sonhador, quanto às diversas definições e modos de compreensão a respeito dos sonhos que encontramos nas mais diversas escolas de psicologia nos dias de hoje.

Esta multiplicidade de visões torna necessário uma compreensão geral do que significa o sonho nos dias atuais e as diversas visões a respeito do sonho como objeto de conhecimento. Do ponto de vista das ciências naturais, o sonho é considerado mais próximo de um subproduto dos ciclos neurológicos encontrados em animais de sangue quente, cuja função é a manutenção de um sistema cognitivo complexo. O sono, portanto, tem como função a manutenção do sistema e é resultado da evolução das espécies, permitindo uma crescente complexidade neurológica, em especial tal como encontrados nos mamíferos (Bulkeley, 2016). Do ponto de vista puramente evolutivo, o sonhar aparece como um subproduto do sono na medida em que consiste, devido à sua função de manutenção neurológica, em uma atividade fisiológica autônoma do cérebro (Bulkeley, 2016, p. 20–26). Em termos de experiência e significado do ponto de vista evolutivo o sonho, portanto, pode ser compreendido como apenas um fenômeno

fisiológico que ocorre ao organismo, porém sem nenhum significado além dele mesmo. Isto é, independentemente do que é sonhado ou do modo de experiência proporcionada pelo sonho, as imagens oníricas são consideradas apenas epifenômenos cuja importância se dá na medida em que o sonhador confere à própria experiência do sonhar, um significado apenas pessoal.

Conforme mencionamos no primeiro capítulo, esta visão puramente biológica do sonho tem como base um pensamento cartesiano que dissocia o homem do seu mundo (Durand, 2008b; Grün, 2002). Entretanto, o trabalho com os sonhos não se encontra limitado a apenas uma epistemologia com base materialista, que localiza a experiência humana como um epifenômeno cujo centro é o complexo sistema neurológico humano. A necessidade de trazer à tona a experiência onírica torna necessário levar em consideração o papel que esta experiência, seja individual, seja coletiva, apresenta em termos de significado e sentido (Withers, 2008).

Este elemento de resgate do sentido do sonho como experiência profunda nos leva na direção oposta à das ciências naturais. Com efeito, abordar o sonho como uma experiência significa levar em consideração o modo particular de emergência do sonho; isto é, estabelecer o contexto no qual emerge e como podemos compreendê-lo no âmbito de uma pesquisa empírica (Santos & Serbena, 2017). Neste sentido, podemos encontrar uma possibilidade de trabalho que articule a experiência onírica, o trabalho em grupos e a linguagem apropriada que traduza esta experiência em conhecimento através das bases e da linguagem da Psicologia Analítica (Freitas, 2005). Por se localizar em uma tensão entre o fenômeno vivido, a dinâmica do trabalho em grupo e a tentativa de compreensão do sentido da experiência, a Psicologia Analítica nos serve de ferramenta epistemológica

ao possibilitar ao mesmo tempo uma linguagem adequada de compreensão do fenômeno da experiência onírica em religiosos.

A escolha metodológica pela Psicologia Analítica como base teórica não se dá de forma arbitrária. Com efeito, a Psicologia Analítica é, como nos mostra Ellenberger (1994), uma das diversas escolas de psicologia nascidas no início do século XX, herdeiras das práticas de cura religiosas de cura, dando origem ao que hoje conhecemos como psicoterapias (Ellenberger, 1994, p. 30–50). Dentre elas, a psicologia de C. G. Jung (1875-1961) mais se aproxima de uma abordagem aos sonhos e à psicologia de modo geral, às epistemologias das ciências humanas (Shamdasani, 2004, p. 37–38), próxima à concepção proposta por Wilhelm Dilthey (1833-1911). Para Dilthey (1989), a experiência vivida e o fenômeno psicológico é mais adequadamente estudado em uma tentativa de compreensão (*Verstehen*), uma vez que se trata de um fenômeno que ocorre de maneira imediata cujo modo de apreensão não pode ser reduzido a experimentos em função de sua natureza contingente e irreproduzível, mas cujo aparecimento como experiência revela sua essência imediata e deve ser, por isso, desdobrado em suas diversas possibilidades de significado (Dilthey, 1989, p. 270–273).

Esta proximidade entre a psicologia de Jung e as ciências humanas nos possibilita compreender o sonho a partir de uma perspectiva que é predominantemente interdisciplinar. Como nos mostra Main (2013), a psicologia de Jung apresenta uma duplicidade metodológica importante, na medida em que serve como uma ponte entre os aspectos empíricos do seu objeto de estudo e os aspectos contextuais das diversas formas de seu aparecimento. Esta característica do seu pensamento nos fornece com um parâmetro que possibilita a compreensão do sonho como um fenômeno complexo, onde são levados em consideração tanto os aspectos subjetivos do sonhador, na medida em que

o sonho pode ser entendido como uma manifestação da personalidade inconsciente daquele que sonha, quanto aspectos objetivos, onde o sonho emerge a partir de elementos culturais na qual o sonhador está inserido (Jung, 2001, 2011b, 2011c).

Esta dupla face do sonho no contexto da Psicologia Analítica denota a necessidade de acolher a experiência como elemento constitutivo do conhecimento, na medida em que compreende seu objeto como inerentemente multifacetado (Shamdasani, 2004). É esta visão do objeto psicológico como inerentemente multifacetado que permite um diálogo fértil entre diversas disciplinas, entre elas as ciências da religião (Ceccon & Holanda, 2012; Stephens, 2001). Para que seja possível estabelecer a possibilidade de compreensão das vivências oníricas nos grupos vivenciais, é necessário primeiro uma breve revisão das bases teóricas da Psicologia Analítica com relação ao sonho, para então articularmos essa base aos procedimentos utilizados nos grupos vivenciais.

2.1. Os sonhos na Psicologia Analítica

Para Jung (2011a), os sonhos são produtos espontâneos do inconsciente, e expressam a subjetividade do sonhador, trazendo a consciência conteúdos desconhecidos. Deste modo, as imagens oníricas são consideradas aspectos desconhecidos da personalidade do sonhador que se manifestam à consciência através de uma linguagem metafórica. Este aspecto do sonho tem um aspecto teleológico, isto é, tem como finalidade a aproximação dos aspectos conhecidos e desconhecidos do sonhador (Jung, 2006b). Podemos entender este aspecto duplo do sonho como experiência vivida a partir de Hillman (2013), que considera este aspecto de apresentação das imagens oníricas como uma experiência primária, isto é, como uma experiência onde as figuras do sonho se apresentam de forma autônoma, independentes da consciência ou vontade do sonhador. Olhar as imagens oníricas é olhar para dentro e ver quais os caminhos que indicam para

fora, tecendo uma linha entre fatos aparentemente desconexos e encontrar significado onde menos esperamos. Os sonhos são uma maneira de integrar a sombra na psique através das suas metáforas.

O aspecto metafórico do sonho apresenta uma das facetas do funcionamento psicológico comum. Para Jung (2011c), existem duas formas distintas de pensamento que funcionam de forma complementar. A primeira é o pensamento dirigido, consciente e identificado pelo pensamento racional e abstrato. A segunda é o que ele denomina de pensamento fantasia, de característica inconsciente, com uma tendência à dissociação e que se manifesta nos sonhos e nas diversas formas de devaneio (Jung, 2011c, p. 48–50). Enquanto o primeiro é adquirido na medida em que o sujeito se encontra inserido em uma comunidade e uma cultura específicos, o segundo consiste em uma forma mais imediata de pensar e se relacionar com o mundo. É devido a esta naturalidade do pensamento fantasia que Jung (2011c) associa este pensamento às origens dos diversos mitos: tal como o sonho, são produtos da imaginação. Para entendê-los, portanto, é necessário entender também a sua linguagem, além do contexto em que esses conteúdos se manifestam (Jung, 2006b).

Por se tratar de uma manifestação corriqueira de um processo psicológico comum, os sonhos têm papel importante no desenvolvimento da personalidade. Segundo Von Franz (1996), os sonhos são processos psíquicos vitais e este processo parece orientar a consciência com relação a aspectos importantes da vida do sonhador. Por serem acontecimentos autônomos, porém carregados de sentido,

Os sonhos possuem uma inteligência superior, uma sabedoria e perspicácia que nos orientam. Eles nos mostram em que aspectos estamos enganados e nos alertam

a respeito de perigos; predizem eventos futuros; aludem ao sentido mais profundo da nossa vida e nos propiciam insights reveladores (Franz, 1996, p. 3).

Apesar de consistirem em um acontecimento individual, relativo a aspectos pessoais do sonhador, sua natureza metafórica pode servir de guia individual com relação a diversos aspectos da vida (Franz, 1996).

O ego consciente para uma atitude adaptada e madura frente à vida. Von Franz (1988) identifica que os sonhos fornecem as pessoas direcionamentos para enfrentar os destinos que a vida impõe, como enfermidades e questões existenciais. Ela ainda aponta que a maioria dos sonhos trazem aspectos valiosos da personalidade que devem ser integrados. Esta integração ocorre mediante a abertura do sonhador à experiência do sonhar, pois esta revela aspectos muitas vezes ocultos de nossa experiência diurna. Neste sentido, os sonhos

[...]comunicam-nos, numa linguagem figurada, isto é, por meio de representações sensoriais e imaginosas – pensamentos, julgamentos, concepções, diretrizes, tendências etc., que se achavam em estado de inconsciência, por terem sido recalçados ou simplesmente ignorados. Mas por se tratar de conteúdos do inconsciente e porque o sonho é a resultante de processos inconsciente, ele oferece-nos justamente uma representação dos conteúdos inconscientes, não de todos, mas apenas de alguns, daqueles que foram selecionados associativamente em função do estado momentâneo da consciência (Jung, 2006a, p. 177).

Por se tratar de um fenômeno que ocorre ao indivíduo e ao mesmo tempo é manifestação de elementos culturais no qual este sujeito está inserido, a forma de compreensão das imagens oníricas, no contexto da Psicologia Analítica é denominado de amplificação. Isto é, leva em consideração ao mesmo tempo as associações feitas pelo

sonhador com relação ao conteúdo dos sonhos, e elementos análogos a essas figuras que podem ser encontrados na cultura em geral (Jung, 2001). O método de análise e interpretação dos sonhos apresenta elementos hermenêuticos importantes, pois nos auxilia na compreensão de elementos pessoais do sonhador e ao mesmo tempo possibilita ao sonhador sua inserção em um contexto maior, retirando-o de seu isolamento (Dourley, 1995).

O processo de interpretação, portanto, não é apenas um exercício intelectual, mas um procedimento dialético cujo fio condutor de desvelamento do significado latente do sonho também produz efeitos terapêuticos. Para que seja possível se chegar ao significado do sonho, Gallbach (2014a) propõe três formas:

1- Através da narrativa, isto é, quando se relata verbalmente o sonho, e assim, ele ganha características de história, com começo, meio, fim, temporalidade, lógica e causalidade que são condizentes com a linguagem, e com uma coerência verbal;

2- Da imagem – quando todos os elementos do sonho entram em foco simultaneamente, percebe-se a situação total sem prestigiar um ou outro evento (importante ressaltar que os elementos dos sonhos não estão conectados por uma lógica de causalidade, mas ligados significativamente);

3- Da vivência – quando se retorna ao sonho como se ele estivesse acontecendo no presente e assim há uma maior probabilidade de lembrar com melhor qualidade a experiência de estar no sonho, comentá-lo com uma observação direta, perceber-se no sonho e ao mesmo tempo entrar em contato com as emoções que esse processo ocasiona.

Para Gallbach (2014a), é importante deixar claro que, como os sonhos podem suportar diversos níveis de interpretação, não se deve priorizar um elemento do sonho – todos eles são igualmente importantes; portanto, qualquer interpretação sobre seu

significado deve estar em conformidade e permear todos os elementos do sonho. Deste modo, e a partir desta condição de opacidade como condição primeira de desvelamento do significado, articulada ao aspecto eminentemente vivencial do sonho, Gallbach (2014a) buscou formas de trabalhar a experiência onírica sem fazer referência a algo externo a ela. Ela desenvolveu o método de grupo de vivência dos sonhos, os quais tem em média três a seis participantes, que se reúnem semanalmente por uma hora e meia. A autora ressalta ainda três aspectos fundamentais em grupos como esse: atenção, respeito e confiança, colaboração e suporte no grupo. Apesar desses grupos terem aspecto terapêutico, não são considerados terapia de grupo.

É a partir do trabalho realizado por Gallbach (2014a) que se torna possível o trabalho com sonhos no contexto de um Grupo Vivencial. Ao compreender a dupla face do sonho como ponte entre o indivíduo e sua cultura, o Grupo Vivencial assimila esta característica ao transformar a vivência e a narrativa dos sonhos em uma vivência em grupo, agindo como fio condutor e agente transformador do grupo de modo geral (Freitas, 2005; Marion Rauscher Gallbach, 2014b). Por se tratar de um trabalho em grupo onde são vivenciados e expostos diversos elementos pessoais dos participantes, é preciso também realizar uma breve revisão a respeito do funcionamento e dinâmica do trabalho em grupo no contexto da psicologia de modo geral, e de que modo o trabalho em grupos pode ser compreendido na Psicologia Analítica.

2.2 O trabalho com sonhos no contexto de grupos

O trabalho em grupos no contexto da psicologia aparece de modo geral como uma modalidade terapêutica, com os mesmos objetivos da terapia individual, porém com uma compreensão metodológica e aplicação prática diferentes. Os grupos no contexto da psicoterapia têm como função facilitar o aparecimento de conflitos e ao mesmo tempo

proporcionar meios para a sua resolução. Segundo Yalom & Leszcz (2006), isto ocorre em função das diversas capacidades de interação possíveis em um contexto grupal. O grupo é um espaço para viver o conflito. Suportar e trabalhar a interação entre as polaridades leva a transformação.

Os grupos vivenciais, por outro lado, se utilizam do aspecto facilitador do grupo para a produção de conflitos e resoluções como forma de trabalho, favorecendo diferentes perspectivas de alteridade, na medida em que cada participante tem neles a oportunidade de se afirmar e de ser confirmado, isto é, de se expressar e de refletir, num campo interacional fértil (Freitas, 2005). Os grupos vivenciais de sonhos, através de um protocolo pré-estabelecido, proporcionam aos participantes re-visitarem seus sonhos e compartilhá-los, não apenas vivenciá-los, como experimentá-los através da escuta e da interação com o grupo. Não tem um caráter de terapia de grupo, devido às pessoas não estarem compartilhando suas problemáticas, mas tem um caráter terapêutico quando as ampliações dos sonhos ocorrem através das perguntas, através da fala sobre os afetos que despertam em cada participante, o sonho passa a não ser mais de quem sonha, mas sim do grupo que interage com este sonho.

Sant'Anna (1996) identifica que o trabalho em grupo com sonhos é em primeiro lugar vivencial, devido buscar um contato mais direto com o sonho e o grupo estar ali para mediar e amplificar a imagem. Após a vivência do sonho em grupo, segue-se a compreensão do mesmo. Gallbach (2014a) coloca que compreender resulta em entender o sentido do sonho de modo a realizá-lo, isto é, trazê-lo para a sua vida e permitir que ele a influencie. Vivenciar significa retornar à imagem do sonho e conta-lo no presente, percebendo-se dentro dele, esta experiência vem da consciência de se perceber no espaço onírico.

O Grupo Vivencial, portanto, possibilita a externalização dos sonhos e sua ampliação de significado através da dinâmica horizontal de funcionamento do grupo. Isto permite uma abertura e aprofundamento da experiência do sonho através da narrativa e da dinâmica entre os participantes. O ato de narrar e de entrar em contato com as narrativas dos demais participantes possibilita a apropriação por parte do grupo dos temas sonhados pelo indivíduo, ao mesmo tempo transformando uma experiência individual a algo que pertence a todos os participantes. Conforme mencionado anteriormente, apesar de não se tratar de terapia de grupo, as vivências e o aprofundamento da experiência engendram um efeito terapêutico na medida em que há o estabelecimento de uma relação de confiança e acolhimento por parte de seus participantes (Gallbach, 2014a).

É como modo de fornecer um lugar fértil para a elaboração e trocas significativas entre os participantes que o Grupo Vivencial de seminaristas foi organizado, possibilitando a criação de um espaço onde os relatos de sonhos tenham como função a possibilidade de aprofundamento da experiência individual, onde o pesquisador serve como facilitador, evitando a interpretação dos conteúdos, porém guiando os participantes na direção de um aprofundamento de sua experiência subjetiva (Gallbach, 2014a; Yalom & Leszcz, 2006).

2.3 Participantes do Grupo Vivencial

A partir destes parâmetros, o Grupo Vivencial de sonhos com seminaristas para coleta de dados, isto é, a vivência onírica, suas associações e afetos foi composto e efetivado de 4 estudantes do seminário de forma voluntária. Foram realizados 8 encontros, com duração de 2 horas cada um. Antes do primeiro encontro, foi realizada uma entrevista inicial com os participantes para a coleta de dados sócio-demográficos e explicação detalhada do funcionamento dos grupos vivenciais a partir dos protocolos

elaborado por Santos & Serbena (Santos & Serbena, 2017), a saber: 1) acolhimento dos participantes e apresentação dos terapeutas através da explicação do funcionamento do grupo; 2) ênfase no processo de sonhos e do sonhar, colhendo informações a respeito da posição de cada participante com relação aos sonhos; 3) acolhimento os sonhos trazidos pelos participantes ao longo da realização dos grupos, explorando detalhes como as cenas, o enredo e a estrutura narrativa do sonho relatado; 4) disponibilização de material complementar à narrativa individual dos sonhos, como folhas, lápis de cor, canetas etc. conforme disponibilizado pelos pesquisadores; 5) encorajamento a discussão entre os participantes sobre a experiência de relatar os sonhos no contexto grupal; 6) fomento da discussão e reflexão do grupo a respeito dos sonhos de modo geral, como o lugar em nossa cultura, como presente nas diversas formas de arte; 7) comparação dos sonhos relatados ao longo dos encontros e realizar comparação entre eles, em conjunto com o modo de experiência do relato e do sonhar; 8) no encontro final, a promoção uma reflexão acerca da experiência dos participantes com relação à participação no grupo, de que modo o relato de sonhos auxiliou na reflexão de cada participante acerca da própria experiência.

Todos os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. O conteúdo trabalhado em cada encontro, a partir da entrevista inicial, foi então submetido a uma análise temática para melhor organizar os conteúdos trabalhados e os temas discutidos, de modo a permitir a sistematização da pesquisa.

2.4 Entrevistas e estranhamentos

Os dados foram coletados através da entrevista inicial e final, e do Grupo Vivencial de sonhos que foi realizado no formato de encontros de oito sessões com duração de duas horas cada. Todos estes encontros foram gravados e transcritos.

Inicialmente, para se ter acesso aos participantes, o diretor acadêmico do centro universitário falou sobre a pesquisa para os alunos em suas aulas, passando as informações, e no dia marcado os interessados compareceram para a entrevista. Foram 4 candidatos masculinos e 1 candidata feminina. O grupo foi realizado com os quatro candidatos masculinos por entender que quando há um grupo com apenas um representante do sexo oposto, correria o risco das projeções inerentes aquele sexo serem depositados neste único indivíduo. A literatura sobre grupos é muito explícita a respeito da heterogeneidade para formação de grupo.

O grupo contou com a estrutura de protocolo para grupo de vivência de sonhos elaborado por Santos (2017) e Villares 2016 que consta a estrutura do processo geral do grupo:

1. Acolhimento, apresentação do terapeuta e participantes, apresentação do espaço para que os sonhadores possam falar da experiência com os sonhos, suas expectativas, temores.

2. Ênfase no processo dos sonhos e o sonhar, explorar com os participantes quais são as suas relações com os sonhos.

3. Acolher todos os sonhos trazidos pelos participantes, explorar os detalhes da estrutura dos sonhos como: Cena, narração do tema, enredo ou desenvolvimento, crise (impasse) e desfecho (resolução).

4. Neste encontro a principal temática será: Diferentes linguagens para trabalhar os sonhos. O terapeuta irá escolher um recurso conforme disponível na instituição (folha, lápis de cor, canetas, argila, massinha, figuras, etc.) e experienciar o sonho por meio desta técnica;

5. O grupo discute como é contar o sonho neste espaço, como está sendo essa experiência, o que está sendo mais significativo; neste processo os sonhos estão seguindo a estrutura, estão tendo enredo e resolução?

6. Nestes encontros que se seguem os participantes são convidados para continuar compartilhando os sonhos.

7. Promover a discussão e reflexão dos sonhos presentes na nossa cultura, teatro cinema, etc. Como o sonho pode estar presente nas artes? Encomendar o próximo grupo de sonhos.

8. Trabalhar os sonhos encomendados e se possível comparar com os primeiros sonhos trazidos no grupo, as primeiras experiências.

9. Realizar um fechamento do grupo com a seguinte consigna: como foi contar os sonhos em grupo?

10. E o terapeuta procede com um fechamento final.

A entrevista inicial foi semi-estruturada com um questionário (Anexo A), procurando saber como foi e como está sendo a trajetória dentro da vida consagrada, como vemos na tabela 1, bem como, a expectativa em relação ao trabalho. Os encontros foram oito, todos com objetivo de trabalhar as imagens invocadas pelos sonhos. No primeiro encontro estavam presentes três participantes (foi o único encontro em que houve uma falta, devido à visita do Bispo no seminário, este participante precisou ausentar-se). Neste encontro foi realizado a apresentação da coordenadora do grupo e da co-coordenadora que consiste em uma psicóloga mestranda e uma graduanda em psicologia, e a apresentação dos participantes. Neste primeiro encontro pede-se aos participantes que relembrem um sonho marcante e pede-se que o participante desenhe a parte do sonho

que mais chamou sua atenção. Todos os três participantes conseguiram desenvolver a tarefa proposta, descrevendo seus sonhos de maneira espontânea.

O segundo encontro, começa retornando-se aos combinados, em função da falta de um dos participantes. Neste encontro estavam os quatro participantes presentes. Após a técnica de relaxamento, os participantes reportaram que o sonho da semana passada reverberou durante a semana e através disto obtiveram novos insights. Neste encontro foi solicitado que eles ao invocarem o sonho, prestassem atenção ao tema do sonho, como este se desenrola e a partir disto fazer uma comparação com a vida atual, observando se o personagem do sonho age ou não como o participante agiria na vida, observando se há a possibilidade de relacionar com que está acontecendo atualmente. Os participantes foram respeitosos uns com os outros, os sonhos despertaram afetos que o grupo acolheu, afetos como agressividade, impotência, desconforto, medo, prepotência.

No terceiro encontro os participantes fizeram a reentrada no sonho, após o relaxamento, identificando a cena mais marcante no sonho. Dessa vez, foi utilizado a técnica de cenário e mímica, Um participante representava o sonho de outro através de mímica a cena descrita para os demais integrantes do grupo. A partir disto foi discutido qual o afeto que esta cena provocou nos participantes. Como se tratava de um grupo de 4 participantes, foi conduzido da seguinte forma: A contou para B, C contou para D, e D contou para A e B contou para C, e assim o grupo circulou evitando haver subgrupos no grupo. Os participantes relatam que com esta experiência eles conseguiram sentirem-se mais próximos uns dos outros, do que apenas relatando os seus sonhos.

No quarto encontro, estavam presentes os 04 participantes. Primeiramente dói feito o relaxamento. Após, durante a reentrada no sonho, as perguntas a serem feitas foram direcionadas para o participante identificar o cenário e o problema a ser resolvido do

sonho. Para isto, pediu-se que o participante descrevesse o cenário e o problema que ele identificou em um papel. No relato para o grupo, apenas o cenário é contado e os participantes dizem qual eles acham que é o problema do sonho. Neste encontro os participantes se colocaram de maneira aberta, o significado cultural se fez presente no contato com as imagens, o que forneceu uma troca muito rica entre participantes.

No quinto encontro estavam presentes novamente os 04 participantes. Novamente, primeiramente, o relaxamento. Neste dia, foi solicitado que os sonhadores se colocassem em outro personagem, buscando trabalhar com os personagens dos sonhos. O sonhador busca trabalhar com várias perspectivas de personagem sobre o ego onírico. Esta atividade permitiu abertura para outras perspectivas.

No sexto encontro, após a repetição das etapas iniciais, os participantes fizeram a reentrada no sonho, e foi solicitado que escrevessem e desenhassem o sonho, e que apresentassem aos colegas, e pediu-se que todos prestassem atenção no afeto que estes sonhos mobilizavam em cada um. Os participantes ficaram muito presentes nesta atividade colocando como cada afeto os mobilizavam de forma diferente.

No sétimo encontro, após as etapas iniciais, solicitou-se aos participantes que colocassem em uma folha de sulfite o que ficou de cada encontro, como se fosse uma linha do tempo da (Sistêmica). Eles vão escrever conforme a dinâmica própria as principais temáticas da série de sonhos que foi explorado no grupo e depois abrem para discussão em grupo com a seguinte consigna: Como esses sonhos e/ou reflexões contribuíram com o meu desenvolvimento? Neste encontro eles fizeram uma tessitura de como o trabalho com as imagens dos sonhos ressignificaram as questões trazidas por eles.

No oitavo encontro, após as etapas iniciais, não há reentrada em sonho. É induzida uma imaginação dirigida por três etapas. Primeiro os participantes se imaginam em um

lugar que represente o período que antecedeu a entrada no grupo. Nesse lugar há uma ponte. Eles se colocam em frente à ponte, e não é possível ver o fim. A passagem por ela representa a participação no grupo, nos oito encontros. Nesse momento, o terapeuta deixa a imaginação deles fluir livremente, apenas conduzindo essa passagem até o outro lado. Após a travessia, pediu-se para que prestem atenção no lugar aonde chegaram e se há algum objetivo à vista. Então, encerra-se a imaginação. Depois cada um comenta sua experiência e como consegue relacionar com a participação no grupo. O terapeuta pode comentar algo se sentir necessário. Neste último encontro eles fizeram um fechamento de como foi trabalhar com os sonhos. Eles relataram a importância do trabalho com os sonhos, e como este trabalho ofereceu novas perspectivas das suas questões.

Na entrevista final, que foi realizada individualmente com cada participante, foi feita uma entrevista semi-estruturada onde eles relataram sua experiência dentro do Grupo Vivencial de sonhos. A partir disto, a análise da entrevista inicial foi analisada e as informações organizadas em uma tabela (Tabela 1) a partir das categorias do roteiro de entrevista (Anexo A). No total, foram quatro participantes masculinos cursando o primeiro e o segundo ano de Teologia com idades entre 29 a 33 anos. Três dos quatro participantes saíram e voltaram do seminário, sendo que dois voltaram para outras ordens e um voltou para a mesma. Os padres diocesanos pertencem a uma determinada diocese que está ligada ao bispo, enquanto as congregações têm suas próprias constituições, um carisma específico de trabalho, se dedicam a saúde ou a educação, ao acolhimento, entre outros. Nas congregações, eles podem ser religiosos de vida consagrada (irmãos) ou ordenados sacerdotes (padres). Quando fazem parte de uma congregação, eles são enviados para diferentes lugares onde sua congregação atue. Quando uma congregação específica assume uma paróquia em um determinado município, há uma intersecção entre

a arquidiocese do lugar e a congregação. Os padres diocesanos têm um raio de abrangência mais limitado. Isto é um fato relevante, pois é um dos fatores que influenciam na escolha de ser um religioso de vida consagrada diocesano ou de congregação. Esta foi uma questão que apareceu nos grupos, o desprendimento da sua família de origem, como enfrentaria isso, qual o tamanho desta distância. E um participante teve que passar da comunidade que estava para a diocese a pedido do Bispo para poder completar os seus estudos.

O motivo que fizeram com que eles participarem do projeto de pesquisa, de forma geral, foi “o olhar para dentro” e o “escutar”, para o participante 1 (P1), além destes motivos citados, o interesse pela psicologia junguiana, o interesse em estudar o assunto, pois este acredita que a conexão com os sonhos pode leva-lo a algumas descobertas que lhe façam sentido. Para o participante 2 (P2) o interesse em Grupo Vivencial de sonhos, é a possibilidade de “conhecer essa parte do inconsciente porque se todo mundo sonha está guardado dentro de mim (sic)”. Para o P3, acredita que trabalhar com sonhos vai ajudar a entender melhor o porquê quando era criança lembrava dos sonhos e agora só lembra de alguns e “às vezes acordo angustiado” (SIC). Para o P4, acha muito interessante ter a possibilidade de trabalhar sonhos em grupo, devido a sonhar bastante e porque já trabalhou sonhos em psicoterapia individual, e está curioso sobre como será trabalhar sonhos em grupo.

Nas considerações que os participantes fizeram na entrevista final destacam-se as observações feitas para o grupo, em que se sentiram muito próximos um dos outros ao compartilhar os sonhos. Castleman (2004) coloca que quando mergulhamos no mundo dos sonhos com os outros, isto funciona como a cola para estes grupos, porque sonhos são a intimidade, interrelação, ligação, iluminação, onde os relacionamentos naturalmente

se formam. Whitmont (1964) aponta a importância dos grupos terapêuticos, pois eles complementam a terapia ao adicionar um “laboratório de grupo” por proporcionar experiência que a terapia individual não conseguiria alcançar devido à troca de experiências com mais pessoas. Para eles isto foi muito significativo, porque eles realizaram um trabalho de vivência de grupo fora do seminário, pois geralmente eles fazem trabalhos de grupo com psicoterapeuta dentro do próprio seminário, e isto os fez sentirem-se mais livres.

Para o P1 “Percebi através do contato com as imagens dos sonhos, entrei em contato com afetos que eu negava, este contato deu uma ressignificação, um novo sentido, ampliação da consciência, responsabilidade pelas minhas escolhas” (SIC).

Para o P2 “Muito proveitoso, no momento em que eu precisava falar, era algo não programado, mas os sonhos refletiam o que eu estava passando, me ajudou entrar em contato com os afetos e dar uma direção. Sonhos ajudou a olhar e entender o que era importante para mim neste momento” (SIC).

Para o P3 “No início estava um pouco desconfiado com esta questão do inconsciente, o grupo exigiu refletir, entrar em contato com afetos que se julga negativo. A moral atrapalha você ser autêntico consigo mesmo” (SIC).

Para o P4 “A partir do grupo de vivência de sonhos começou a conversar com as imagens do inconsciente, e as imagens dos sonhos foram se modificando. Percebeu que tinha outras áreas na sua vida que não estava olhando, com o tempo convergimos a uma questão apenas”. (SIC). Os temas que se apresentam são paralização, contrariedade, a sombra, a persona, escolhas, a integração, contato com o instinto, a impulsividade. A tentativa de integração, de se trabalhar para a totalidade fica evidente a força criativa.

3. O grupo de sonhos de seminaristas: resultados e discussão

3.1 Constituição e característica do grupo

A dinâmica grupal e sua transformação ao longo dos encontros, assim como a relação desta transformação associada diretamente ao trabalho específico com os sonhos em contexto grupal, torna necessário a separar os aspectos anteriores e posteriores dos participantes do grupo. Esta separação visa destacar alguns aspectos iniciais na formação do grupo, as expectativas dos seminaristas em relação ao trabalho com sonhos, e informações gerais dos participantes no contexto do seminário e sua experiência pessoal relativas ao seminário e à psicologia de modo geral. Estes aspectos nos fornecem um quadro abrangente dos participantes e nos possibilita a comparação de aspectos importantes na dinâmica grupal anterior ao início do trabalho com aspectos da dinâmica de grupo após o encontro final.

Os conteúdos trabalhados ao longo dos encontros foram organizados de modo a nos permitir organizar e salientar aspectos importantes da dinâmica grupal tal como se apresentava ao início dos encontros e suas modificações ao final do trabalho. Para melhor contextualizar a composição do grupo e sua dinâmica foi realizada uma entrevista individual antes do início as atividades para se obter a composição sócio demográfica dos participantes e o contexto dos seminaristas na instituição durante o período de realização dos encontros.

Participantes	P1	P2	P3	P4
Idade	30 anos	30 anos	29 anos	33 anos
Idade de ingresso	18 anos	18 anos	17 anos	21 anos
Período	1º ano	2º ano	1º ano	1º ano
Modalidade de consagração	Diocese	Congregação	Diocese	Diocese
Tempo no seminário	11 anos	9 anos	11 anos	5 anos

Tempo de afastamento	Não se afastou	5 anos	2 meses	7 anos
Houve mudança de modalidade?	Sim. Congregação para Diocese	Sim. Diocese para Congregação, tempo como missionário.	Não.	Sim. Congregação para Diocese.
Motivo da escolha pela vida religiosa	Leitura de passagens bíblicas e experiência pessoal com Deus.	Inquietação pessoal e busca por encontros vocacionais.	Família religiosa e gosto pela vida em comunidade.	Família religiosa e chamado pessoal. Necessidade de realização pessoal através do trabalho eclesialístico.

Tabela 1: Dados sócio demográficos dos seminaristas

Por se tratar de um grupo relativamente pequeno composto a partir de um contexto mais ou menos homogêneo, os participantes partilham de certos aspectos em comum, como a idade e contexto familiar, assim como a trajetória individual desde a entrada no seminário. O grupo de sonhos com seminaristas foi composto de 4 participantes, com duração de 2 horas em cada encontro (Tabela 1). Todos os participantes estão cursando Teologia como condição para a formação de sacerdotes, com idade entre 29 e 33 anos. Durante o período de formação, todos já haviam saído e voltado ao seminário; 2 já haviam trocado de congregação, um voltou para a mesma congregação e o outro trocou como forma de poder concluir seus estudos. Dos que saíram do seminário, dois se graduaram em estudos não relacionados com Filosofia ou Teologia, trabalhando em profissões sem relação com o seminário ou sacerdócio.

Um elemento marcante dos seminaristas foi a mudança de modalidade na formação, onde a maioria dos seminaristas indicou ter modificado a ordem religiosa da qual fazia parte desde o ingresso no seminário. Existem diferenças importantes entre a congregação e a Diocese na formação dos seminaristas que indicam as possibilidades e possíveis caminhos para o seminarista trilhar na sua formação como religioso. Em termos

gerais, a congregação é uma ordem religiosa que tem governo e sede próprias e cada uma tem sua própria constituição, o seminarista que entra em uma congregação além dos estudos de Filosofia e Teologia, fazem o noviciado que é um período de 1 ou 2 anos dependendo da congregação onde o jovem vai passar estudando as normas, regras e a espiritualidade dentro da congregação, no final deste período a pessoa será avaliada por ela mesma e pelos membros da congregação se ela continuará ou não, se caso permaneça, fará seus primeiros votos, que são os votos simples são renováveis, o tirocínio geralmente de duração de 1 ano de experiência, onde o jovem colocará em prática o que aprendeu no noviciado. A Diocese está ligada diretamente ao Bispo, cada Diocese tem sua organização, tecnicamente e juridicamente são dois funcionamentos distintos dentro da Igreja como se verifica no Código de Direito Canônico (2013).

Outro elemento importante que apareceu em todos os relatos referentes às motivações de cada indivíduo para o ingresso na vida religiosa foi a influência da família na escolha, mesmo não tendo sido o elemento determinante na escolha. Os seminaristas participantes são oriundos de famílias localizadas no interior de diversos estados brasileiros. Dois seminaristas são provenientes do interior do Nordeste brasileiro, um dos seminaristas nasceu na região Norte, porém foi criado em uma cidade no interior do Sul, enquanto o último nasceu e criou-se na região Sul. Dois participantes são primogênitos de famílias pequenas, enquanto outro é filho único e o último é caçula de uma família numerosa. A composição das famílias dos seminaristas é, de modo geral, bastante religiosa. Segundo um dos os participantes, o interesse pelo sacerdócio teve início ao frequentar os cultos católicos com a família, expressando desde cedo o interesse pelo sacerdócio. Apesar desta influência da família, apenas um dos participantes a citou como determinante para a escolha de se tornar seminarista, outros fatores psicológicos além dos

espirituais, os demais relatam uma experiência pessoal com Deus como fator mais importante para a escolha pelo sacerdócio. As experiências com Deus foram bastante variadas. Um dos participantes associa a experiência com Deus ao prazer encontrado nos trabalhos realizados na Igreja; os demais relatam esta experiência a partir dos encontros vocacionais oferecidos pelo seminário para apresentar o funcionamento aos interessados a adentrar no seminário. No participante que apontou influência familiar, o contato com um vizinho que era padre.

A importância do elemento familiar aparece associado à importância da experiência individual de cada participante para o ingresso na vida religiosa. A religiosidade familiar abriu caminho para a exposição dos seminaristas a uma diversidade de possibilidades de contato com a vida religiosa, seja através de leituras de hagiografias, seja participando de atividades religiosas junto a parentes. A influência religiosa proporcionada pela família e a experiência religiosa individual aparecem como elementos importantes para a escolha para o ingresso no seminário (Tabela 2).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Etapas de formação no seminário	Conflito entre paixão religiosa e frieza encontrada na Teologia; preferência pelo envolvimento em obras sociais, porém necessidade de conclusão dos estudos na Diocese.	Descoberta de um novo mundo e inquietude. Dúvidas com relação ao caminho, diversos desvios para “se encontrar”.	A espiritualidade era mais simples, foi se complicando. Houve uma crise ao estudar Filosofia, questionando a fé. Experiência religiosa promoveu um reencontro com a fé.	Busca e frustração. Crescimento junto a amadurecimento pessoal.
Fonte Inspiradora para ingresso no seminário	Leitura de hagiografias, especialmente São Francisco.	Família religiosa e conhecido da família.	Família religiosa, participação na igreja desde jovem.	Influência da família religiosa e inquietude existencial em período posterior da vida.
Fez ou faz uso de medicamentos?	Não	Não	Não	Não
Fez ou faz psicoterapia individual ou em grupo?	Não.	Sim, psicoterapia em grupo no seminário.	Sim, psicoterapia individual no seminário.	Sim, psicoterapia individual antes de entrar no seminário.
Expectativa com relação ao grupo de sonho	Sonhos impactantes e leitura prévia a respeito da interpretação dos sonhos na Psicologia Analítica.	Auxílio para lembrar e compreender os sonhos.	Auxílio para lembrar e compreender os sonhos. Compreender a razão por ser afetado por eles.	Fornecer uma compreensão mais abrangente que uma auto-análise.
Preferência musical para relaxamento	Música clássica, sem sons agudos, como flauta.	Músicas regionais, Música Popular Brasileira, Música Clássica.	Músicas instrumentais e regionais.	Música Clássica.

Tabela 2: Sentimentos e expectativas com relação ao trabalho onírico

A experiência religiosa individual também apareceu nas respostas relativas às etapas individuais da formação no seminário. Relatos de dificuldades e adaptações, quebras de expectativas de modo geral, combinadas com relatos de um processo de

amadurecimento espiritual aparecem articulados ao interesse pelo grupo de sonhos. De um lado, a experiência individual de cada seminarista aparece através de frustrações relativas às fantasias alimentadas antes do ingresso na vida religiosa; do outro, o interesse pelos sonhos aparece como curiosidade a respeito da experiência onírica individual, no sentido de compreendê-la e aprofundá-la. Com relação ao interesse suscitado pelo grupo, as respostas foram similares no que diz respeito à curiosidade suscitada pelos sonhos. Um dos participantes relata que tem interesse no Grupo Vivencial de sonhos porque lê bastante sobre psicologia, recordando seus sonhos, mas não os compreendendo. Devido à leitura prévia de literatura psicológica a respeito de sonhos e sua interpretação, busca no grupo compreender como é trabalhar sonhos sem interpretação e isto o deixa curioso. Outro participante (P2) diz não lembrar dos sonhos e espera que com esse trabalho comece a lembrar dos sonhos. Em contraste, P3 relata já não lembrar dos sonhos há algum tempo, porém, relata sentir uma forte angústia ao acordar. O último participante relata lembrar dos sonhos, mas sem compreender seu significado. Por ter realizado psicoterapia em um período anterior, foi a proposta de trabalhar com sonhos sem interpretação que a princípio chamou sua atenção, por se tratar de uma experiência diferente daquela que encontrou durante a psicoterapia individual.

Como pergunta final da entrevista inicial, cada participante foi perguntado com relação ao uso de música para auxiliar no relaxamento. Apenas um dos participantes comentou que sons agudos de flauta o incomodam os outros participantes não relataram nenhum incômodo apenas suas preferências que foram usadas no decorrer do trabalho. Esta pergunta se faz importante porque o objetivo de usar a música é o relaxamento e não ser geradora de tensão e também para não se usar a mesma música em todos os encontros para não se tornar cansativo e marcar atenção no relaxamento.

A partir dos dados coletados na entrevista inicial anterior ao primeiro encontro, é possível perceber alguns temas em comum aos participantes. De maneira geral, o grupo trouxe expectativas com relação ao grupo muito associadas à possibilidade de autoconhecimento e curiosidade a respeito do conteúdo dos sonhos. Paralelo a isso, a trajetória particular de cada participante desde o ingresso na vida religiosa aparece associado à necessidade de auto compreensão, havendo o aspecto da quebra de expectativas com relação à vida religiosa bastante proeminente. De certo modo, o ingresso no seminário e as diferenças encontradas pelos seminaristas no que diz respeito ao significado da vida religiosa também serviram de elementos que os atraíram para a participação no grupo, uma vez que as quebras de expectativas encontradas e o trabalho com o sonho aparecem com significados pessoais bastante próximos, a saber, a perspectiva de aprofundar os horizontes de si mesmos a partir da experiência pessoal. Esta articulação entre a experiência pessoal de quebra de expectativa e frustração relativa ao ingresso no seminário e o trabalho pessoal com os sonhos aparecem como dois lados de uma mesma moeda, pois ambos são associados ao crescimento e amadurecimento pessoal de cada seminarista.

3.2 Contexto e dinâmica dos encontros

Este elemento é importante para nos auxiliar a situar o contexto a partir do qual a dinâmica do grupo de sonhos com seminaristas se estabeleceu e as modificações ocorridas na dinâmica do grupo ao longo dos diversos encontros. Apesar de não trabalhar explicitamente com interpretação dos conteúdos sonhados pelos seminaristas, cada encontro foi organizado de maneira a facilitar as discussões a respeito dos sonhos e encorajar o estabelecimento de uma dinâmica grupal onde todos os seminaristas se sentissem à vontade para a discussão (Freitas, 2014). O direcionamento de cada grupo

visava fornecer aos participantes parâmetros gerais de discussão articulados a diversas formas possíveis de trabalhar os conteúdos oníricos no contexto grupal. Cada encontro foi organizado ao redor de uma Consígnia, isto é, um fio condutor temático para orientar os parâmetros da discussão (Tabela 3). Cada Consígnia foi elaborada como um exercício de discussão onde os participantes poderiam abordar os sonhos apresentados ao grupo de diversas maneiras e modos diferentes, enfatizando o aspecto vivencial individual de cada sonho trabalhado assim como utilizando os sonhos como tema a partir do qual as discussões se encaminhavam (Gallbach, 2014).

Encontros	Consígnias
Encontro 1	Entrada no sonho e análise do papel do ego no desfecho do drama onírico.
Encontro 2	Como relaciono este sonho com o momento atual, o que ele pode ensinar.
Encontro 3	Cena mais marcante do sonho, qual afeto suscita nos participantes.
Encontro 4	Desenhar o cenário do sonho sem a problemática.
Encontro 5	Sonhos da infância ou adolescência.
Encontro 6	Trabalhar os personagens do sonho em relação ao ego onírico.
Encontro 7	Contar o sonho e dar um final diferente ao sonho.
Encontro 8	Linha do tempo com todos os sonhos trabalhados.

Tabela 3: Encontros e Consígnias

Cada encontro foi pensado como uma possibilidade distinta de se trabalhar os sonhos. No primeiro encontro, como veremos a seguir, a consígnia apresentou um propósito duplo, de inaugurar os encontros e de permitir aos seminaristas uma aproximação entre eles e a temática onírica. A escolha de se trabalhar o modo de participação no sonho e estimular os seminaristas a perceber elementos pessoais no sonho de modo a aproximar o sonhador do sonho como experiência pessoal. Partindo desta primeira aproximação com os sonhos e iniciando o processo grupal propriamente dito, as

demais temáticas foram selecionadas como forma de dar continuidade e fornecer diferentes aspectos e possibilidades de contato com as imagens dos sonhos (Freitas, 2014).

Deste modo, o encontro final teve como consígnia a elaboração de uma linha do tempo com os sonhos trabalhados ao longo dos encontros, tanto como forma de fechamento quanto de elaboração dos participantes, de forma individual e grupal, de elaborarem a finalização do grupo e compartilhar os aspectos vivenciais mais importantes. Conforme veremos, este processo foi bastante importante ao longo da realização dos encontros, onde a dinâmica grupal possibilitou um aprofundamento da experiência individual e uma crescente coesão grupal tendo como meio e fio condutor o trabalho com as imagens oníricas de cada participante.

3.3 A trajetória do Grupo Vivencial: aspectos trabalhados e dinâmica grupal

3.4 O primeiro encontro: combinados e primeiras vivências

O primeiro encontro foi realizado com apenas três participantes, pois um deles não pode comparecer. Por ser o primeiro encontro, foi realizado o acolhimento com os participantes. Por se tratarem de seminaristas e conviverem em um ambiente em comum, os participantes já se conheciam anteriormente, porém sem serem próximos ou íntimos. Neste primeiro acolhimento, a terapeuta e a co-terapeuta se apresentaram aos participantes, explicando mais uma vez como seria o trabalho do Grupo Vivencial. Cada participante traria um sonho e os demais poderiam fazer perguntas a respeito do cenário, personagens e trama de modo a melhor compreender o sonho; também poderiam compartilhar suas sensações e impressões a respeito do sonho relatado. Por se tratar de um espaço de pesquisa, foi reiterado que os encontros seriam gravados. Antes do início

do grupo propriamente dito, também foi reiterado contrato de participação de cada um: os sonhos não seriam interpretados, embora perguntas a respeito dos sonhos trabalhados fossem permitidas, falar de si mesmo sempre na primeira pessoa, prezar pela confidencialidade dos conteúdos trabalhados durante o encontro e evitar fornecer conselhos aos demais participantes. Após essas primeiras considerações, cada participante se apresentou a restante do grupo e foi iniciada uma técnica de relaxamento para aquecer os participantes. Foram utilizadas técnicas de respiração, desligamento das atividades diárias para facilitar a lembrança de sonhos importantes aos seminaristas (Tabela 4).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	Estrada parada na cidade natal. Congestionamento sem motivo. Três religiosas se aproximam e o sonhador se esconde sem sucesso.	Descendo as escadas para se despedir do pai que está indo trabalhar; o sonhador não quer que o pai vá. O pai no lado de fora e o sonhador do lado de dentro do portão da casa.		O sonhador está em uma prisão, confinado com grades. Na sua frente, pessoas desconhecidas estão de costas para o sonhador.
Temas	Congestionamento	Despedida		Estar preso
Personagens	O sonhador e três religiosas	O sonhador e o pai		O sonhador e estranhos
Elementos	Carros parados; estrada; pessoas; três religiosas	Casa; escada; portão.		Lugar fechado; grades.
Afetos do sonhador	Constrangimento; desejo de não estar ali.	Medo de perder o pai		Angústia; culpa.
Afetos do grupo	Percepção de haver sentimentos ocultos por parte do sonhador.	Tristeza; impotência.		Angústia
Associações		Medo de perder o pai. Associou à última vez que viu o pai, ao se despedir quando criança e o pai faleceu logo depois. “Cada um tempo o seu caminho, existem coisas incontroláveis e independentes de nossa vontade.		Não conseguir tomar posse de si; deixar outras pessoas controlarem as coisas; necessidade de se conscientizar das coisas.

Tabela 4: Sonhos trabalhados no primeiro encontro

Por se tratar do primeiro encontro e oportunidade dos seminaristas trabalharem sonhos, a escolha do sonho ficou a cargo dos participantes. Como modo de auxiliar os seminaristas, durante o processo de relaxamento foi pedido que cada participante

focalizasse os aspectos afetivos e as imagens que compunham o sonho de modo geral, assim como o papel do sonhador e seu lugar na trama do sonho. Esta última orientação, conforme menciona Gallbach (2014a), tem como objetivo, além de destacar aspectos importantes do sonho, facilitar o reconhecimento de aspectos pessoais do sonhador em relação ao conteúdo daquilo que foi sonhado.

Neste primeiro encontro, dois dos participantes trouxeram sonhos atuais, enquanto o terceiro trouxe um sonho ocorrido na infância, em função de sua dificuldade em lembrar os sonhos mais recentes. De modo geral, todos os participantes trouxeram como afeto principal em relação aos sonhos narrados a angústia e a sensação de dificuldade em compreender a situação do sonho. Em termos de dinâmica grupal, todos ouviram os relatos de modo atento, sentindo-se à vontade de relatar e perguntar aos demais participantes a respeito dos sonhos dos outros.

3.5 O segundo encontro: elaborações e aprofundamento da dinâmica grupal

Este aspecto de sensação de liberdade para relatar e participar das discussões continuou no segundo encontro, onde estavam presentes todos os participantes. Por isso, os combinados foram reiterados mais uma vez. Antes do trabalho com os sonhos, foi solicitado aos seminaristas que relatassem brevemente os sentimentos e afetos desde a realização do primeiro encontro. Não foi relatado nenhuma alteração negativa com relação aos afetos, porém houve um relato geral dos participantes que os sonhos trabalhados permaneceram em suas reflexões ao longo do intervalo ocorrido desde o primeiro encontro. Feito o primeiro acolhimento, o relaxamento teve início e foi anunciado a consígnia para o segundo encontro: como relaciono este sonho com o momento atual (Tabela 5).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	Estava em um jardim e estava morto. Várias pessoas ao redor, religiosas, entre elas um conhecido do seminário. Era um purgatório, o conhecido diz que a permanência no local é de 3 anos.	O sonhador está se olhando no espelho. No reflexo aparece a fachada do seminário e o sonhador vê o atual formador em uma conversa. Confusão entre estar dentro ou fora da imagem do espelho.	Está escuro, uma pessoa ronda a escuridão em uma moto. O sonhador pega uma arma e a pessoa na moto vem roubar e matar o sonhador. O sonhador dá um tiro na pessoa, o assaltante sangra. Ao lado do sonhador, seu irmão está com uma espingarda.	Sonha que está em queda livre. Sonho é recorrente, com mudanças no cenário. Anda em meio a crânios de animais grandes e sobe um mastro, de onde pula. Acorda no momento em que chega ao chão, em sua cama.
Temas	Morte	Olhar-se	Roubo	Queda livre
Personagens	Sonhador, conhecido, pessoas religiosas.	Sonhador e o atual formador.	Sonhador e seu irmão.	Sonhador
Elementos	Jardim, penumbra, tempo de 3 anos.	Espelho, banheiro da casa da avó, seminário.	Casa, moto, revólver, espingarda.	Mastro, escada, penhasco, caveiras, animais grandes.
Afetos do sonhador	Muita angústia, foi rezar ao acordar.	Responsabilidade pelas escolhas feitas.	Ameaça.	Ganhos e perdas, elementos que se opõe.
Afetos do grupo	Ficaram impactados, compartilharam da angústia do sonhador.	Escolhas, impotência.	Curiosidade sobre como o sonhador reage a ameaças.	Morte, perda, conquista, liberdade.
Associações	Necessidade de busca pela espiritualidade; reflexo de sua necessidade atual.	Situação de inquietude e preocupação com a saúde da avó. Espelho no sonho reflete a necessidade de pensar na situação atual e escolhas que realizou.	Ataque sofrido pelo irmão há 4 anos. Necessidade de proteger quem gosta; afeto grande pelo irmão e pela casa onde ocorre o sonho.	Subida associada à ideia de conquista e ascensão. Oposta à queda, necessidade de cuidar para manter conquistas.

Tabela 5: Sonhos trabalhados no segundo encontro

Em comparação ao primeiro encontro, os participantes relataram uma maior facilidade de entrar no sonho através do relaxamento. Apesar de ter se ausentado no primeiro encontro, P3 relatou não ter dificuldades em seguir o relaxamento para rememorar o sonho de acordo com a proposta. P2 associou o encontro anterior a uma maior facilidade de concentração e produtividade ao longo da semana, em especial os sonhos e as discussões ocorridas no grupo como elemento que contribuiu para uma maior reflexão e produtividade durante a semana. Devido a esse trabalho de reflexão durante a semana, trouxe um sonho recorrente em que está caindo; as associações feitas colocam a subida como relacionada a conquistas e vitórias pessoais, e a queda como uma lembrança ou advertência para a exigência de cuidado e manutenção dessas vitórias. Este aspecto de ganho e perda, é somada a ideia de ciclos de modo geral, assim como escolhas e a necessidade de estabelecer um caminho a partir da tomada de responsabilidade pessoal com relação a eventuais perdas ou ganhos decorrentes de decisões tomadas. Esses aspectos cíclicos são constitutivos da própria vida: “se ganhar de um lado, perde-se do outro, ver os ciclos da vida, vida-morte-vida, polaridades”, segundo relato transcrito. Estas associações produziram uma reflexão do grupo como um todo, a respeito da necessidade de refletir sobre a complexidade dos elementos que os cercam, das diversas perspectivas possíveis em situações diversas.

A partir desta discussão, P1 relatou ter conseguido lembrar de um sonho durante a semana, porém escolheu trazer um sonho que o havia impactado. No sonho, estava morto e impossibilitado de rezar ao se encontrar no purgatório. Acordou agitado e angustiado, dirigindo-se imediatamente à capela rezar. A angústia sentida foi associada à necessidade do sonhador de ainda ter muitas coisas a cumprir, especialmente relacionada à própria espiritualidade. Como no sonho não era possível realizar uma oração, a

associação com a própria espiritualidade vem junto à necessidade pessoal de realizar a vocação espiritual no presente momento, não apenas através da oração, mas articulada à noção de que ele próprio apresenta uma tendência em se preocupar em demasia com eventos futuros ou eventos passados, dificilmente se percebendo atuando no presente.

A temática referente aos sonhos relatados continuou no sonho escolhido por P2. No sonho, ele encontrava-se em dois lugares: na cidade de sua família e no seminário. Associa esta distinção de cenários com a divisão que sente entre sua devoção à família e a necessidade de devoção à missão religiosa e à necessidade de ter que fazer uma escolha entre duas polaridades distintas. Em outro sonho, P3 traz um sonho onde está em casa com o irmão, que considera como um pai, e ambos são ameaçados por um terceiro que visa fazer mal a ambos. O afeto predominante no relato é a sensação de ameaça iminente, que o sonhador associa com a dificuldade em lidar com ameaças de modo geral, em especial com ameaças psicológicas.

De modo geral, as associações e sonhos trabalhados apresentaram um tema em consonância com a proposta daquele encontro. Por ser o primeiro onde estavam todos os seminaristas, a discussão se tornou bastante rica e cada sonho permitiu a todos os participantes associarem os afetos e situações narradas ao contexto atual de cada um, desde os desafios pessoais, até o contexto de cada um no seminário e no período de formação. Neste contexto, o tema da escolha, perdas e ganhos apareceu como grande mobilizador de todos os seminaristas, como elemento central da preocupação de todos naquele momento. Em geral, o tema desdobrou-se em diversos aspectos, tais como escolhas realizadas, de ficar no presente, de sentir-se ameaçado, de não olhar só para um lado, de suportar a tensão dos opostos, no sentido de forças contraditórias concretas presentes em suas trajetórias passadas e presentes.

3.6 O terceiro encontro: encenações em grupo

O terceiro encontro teve como proposta central um exercício que modificou ligeiramente o modo com quem cada seminarista relatou o sonho. Após a etapa de relaxamento e entrada no sonho, foi pedido para que cada um lembrasse sonhos com cenas marcantes. Após isso, cada seminarista iria relatar o seu sonho para outro participante, que por sua vez representaria a cena através de mímica para os demais participantes. A discussão dos sonhos se deu após a encenação das cenas. Como se tratava de um grupo de 4 participantes, foi conduzido da seguinte forma: A contou para B, C contou para D, e D contou para A e B contou para C, e assim o grupo circulou evitando haver subgrupos no grupo.

Esta técnica de estabelecimento de cenário e reencenação através de mímicas possibilitou uma representação física da cena que, segundo os próprios participantes, os deixou mais próximos dos elementos envolvidos no sonho (Tabela 6).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	O sonhador abraça a irmã já falecida. Ela diz estar feliz pelo sonhador estar com ela. Neste momento, o sonhador lembra que ela está morta. Cai no chão chorando. A irmã nega estar morta e vai embora.	O sonhador salta de paraquedas em uma praia. Céu azul, paraquedas colorido. Não chega a aterrissar.	O sonhador anda nas ruas de sua cidade atual. Uma pessoa avisa que há um problema na cidade onde nasceu. Chega em uma casa e o portão está aberto. Cachorros aparecem e o atacam.	O sonhador encontrar uma menina com olhar baixo. Toca seu ombro e ela levanta o olhar. Seu rosto se transforma em algo amedrontador, demoníaco, desfigurado.
Tema	Reencontro	Salto	Pegar algo em uma casa	Imagem doce que se torna ruim.
Personagens	Sonhador e a irmã falecida	Sonhador	Sonhador, cachorros.	Sonhador, menina.
Elementos	Chão	Céu, mar, morro, paraquedas.	Rua, portão, casa, cachorros.	Vestido rodado branco da menina, menina meiga, rosto demoníaco.
Afetos do sonhador	Muita alegria, saudades, tristeza.	Alegria, adrenalina.	Dualidade, incerteza, dúvida.	Ternura, medo, pavor, insegurança, rejeição.
Afetos do grupo	Luto, tristeza, morte, silêncio.	Adrenalina, êxtase, interação com a natureza.	Dúvida, inconstância, medo, surpresa, força.	Medo, vulnerabilidade, máscara que se desfaz, espanto, terror, diálogo, integração, aceitação.
Associações	Mudança na relação com a irmã; relacionamento modifica-se e passa a ser pessoal ao invés de externo.	Experiências positivas em sua cidade natal.	Não saber realmente quem se é; pensar ser uma coisa e ser outra.	Conversar com o que causa terror ao sonhador. Repelir ou rejeitar pode fazer com que o terror tome conta.

Tabela 6: Sonhos trabalhados no terceiro encontro

No terceiro encontro os participantes justificaram a escolha dos sonhos como relacionados com termos que mais os estavam incomodando naquele momento. P1 trouxe

o sonho com sua irmã, já falecida, cujo contexto do falecimento é bastante doloroso. Segundo o sonhador, sua relação com a irmã sempre foi muito próxima, porém as circunstâncias de sua morte, por envolverem elementos que iam contra sua moral pessoal e religiosa, suscita afetos ambivalentes por parte de P1. Sua irmã havia morrido após realizar um aborto clandestino, o que levou o sonhador a rejeitá-la como sua irmã durante muito tempo e, segundo ele mesmo, reprimir o luto sentido em função de sua morte. O sonho, segundo ele, revela a contínua presença de sua irmã em sua vida, mesmo depois dos anos que se seguiram à sua morte e apesar do seu luto não admitido ou realizado. Em contrapartida, P2 trouxe um sonho onde o salto de paraquedas como um modo doce de lembrar da família; o salto ocorre em sua cidade natal, e associa estes dois elementos como relacionados à escolha atual dele entre retornar à sua cidade ou se mudar para outro local e continuar sua vida religiosa.

Em consonância aos temas levantados por esses sonhos, os demais participantes trouxeram sonhos bastante marcantes. P3 narrou sonhar estar novamente em sua cidade natal, entrando em uma casa desconhecida com o portão aberto. Ao entrar, cachorros avançam e ele acorda. As associações feitas pelo sonhador associam a paralisia no sonho a situações que o paralisam no cotidiano, assim como o duplo aspecto da casa, de estar em um lugar conhecido, sua cidade natal, e ao mesmo tempo desconhecido, a casa com o portão aberto, em cujo interior encontra-se uma ameaça. A paralisia aparece junto de afetos como dúvidas e inconstâncias que o paralisam no dia-a-dia. Por fim, P4 trouxe um sonho bastante marcante. Sonha com uma garota trajando um vestido rendado, que olha para o chão. O sonhador diz que a garota parece meiga e encosta em seu ombro. Na medida em que a garota ergue o rosto para olhá-lo, seu rosto se transfigura em aspectos demoníacos e deformados. Segundo o seminarista, a preocupação atual dele está

relacionada ao sonho ao aparecer sob a forma de elementos que o causam terror e a necessidade de encarar esses elementos; caso haja uma tentativa de ignorá-los, a consequência é similar daquela do sonho, tomam conta e o paralisam.

3.7 O quarto encontro: os cenários dos sonhos

Para o quarto encontro, a proposta foi de trabalhar o cenário dos sonhos narrados, sem a inserção da problemática. O cenário foi desenhado por cada participante em uma folha de papel e convocados a falar sobre o desenho e sua relação com o cenário do sonho. A partir do desenho, cada sonhador descreveu as sensações e impressões do cenário, as associações, afetos e elementos importantes constitutivos deste cenário. O objetivo deste exercício visou explicitar aos seminaristas diferentes modos de conceber e vivenciar os sonhos, mostrando a possibilidade de diferentes interpretações relativos a uma única imagem produzida. Por se tratar de um grupo bastante endogâmico, que convivem todos os dias, este exercício se mostrou bastante interessante na medida que possibilitou a multiplicação de significados a partir de elementos em comum.

Neste encontro, o grupo não necessitou de muitas orientações diretas para realizar a discussão. Foi possível perceber uma maior intimidade entre os participantes, uma vez que demonstraram estar mais à vontade de usar a imaginação ao elaborar as impressões pessoais a respeito dos cenários descritos pelos colegas, demonstrando também uma maior facilidade de revelar os próprios afetos durante o encontro (Tabela 7).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	Uma pomba está ensinando outra a voar.	Cidade movimentada, o sonhador está no alto de um morro olhando a cidade e decidindo o caminho para retornar.	Uma missa ocorre acima de uma barragem cinza. Um padre está com uma navalha, que usa para se machucar quando não estão prestando atenção. O sonhador tenta impedir, mas ninguém dá ouvidos.	Há um caminho sem fim à frente; um sol e uma lua no céu, em crescente. Um homem barbudo leva um cachorro pequeno. O sonhador olha a paisagem, repara em uma cerca. Está na cidade.
Tema	Aprendizado	Escolha	Ameaça	Paisagem
Personagens	Duas pombas	Sonhador, pessoas estranhas	Sonhador, pessoas desconhecidas, padre	Homem, cachorro, sonhador.
Elementos	Ar, pombas.	Ruas, construções, pessoas.	Água, cimento, altar.	Caminho, sol, lua, homem, cachorro, sonhador.
Afetos do sonhador	Paz	Contemplação	Aparências	Tranquilidade
Afetos do grupo	Trocas, liberdade, solidariedade, paciência	Distanciamento, não-envolvimento, saudades	Angústia, susto, surpresa com o desenrolar da trama.	Dualidade, destino.
Associações	O novo-velho, destruição e renovação.	Olhar de fora e de fora para dentro. Macro e micro visão.	Susto que leva quando acontecem imprevistos.	Luz que vem da lua, não do sol. Ser fantasioso, mundo das ideias.

Tabela 7: Sonhos trabalhados no quarto encontro

No quarto encontro, o grupo atuou de forma mais autônoma com relação à discussão, compartilhando com maior facilidade as experiências afetivas suscitadas pelas imagens oníricas. Diversos sentimentos emergiram durante o encontro, tais como espanto, terror e contemplação. Quando P1 trouxe seu sonho cuja imagem principal é a de duas pombas em papéis distintos, onde uma serve de tutor da outra, o grupo trouxe sentimentos associados a polaridades, como novo-velho, renovação, nascimento e morte,

a relação dupla de qualquer aprendizado. Esses temas já haviam sido abordados nos encontros anteriores, porém foram retomados com uma maior clareza por parte dos seminaristas. Como o sonhador relata ao narrar e trabalhar este sonho, o trabalho em grupo o permitiu uma crescente capacidade de ver elementos em seus sonhos que antes pareciam desconhecidos a seu respeito, especialmente com relação aos próprios sentimentos e afetos, tais como raiva e mágoa. O novo-velho, neste sentido, é um tema recorrente, onde as coisas são destruídas como condição para que surja o novo, do mesmo modo como a pomba mais velha ensina à mais nova. Para o sonhador, esta dialética entre criação-destruição é próxima ao mestre-aluno em um sentido pessoal; em termos pessoais, esta dialética se apresenta como as dificuldades enfrentadas em seu próprio desenvolvimento pessoal.

De maneira geral, as interpretações e experiências compartilhadas através das imagens oníricas se deu de forma bastante parecida, mesmo em sonhos cujas imagens elaboradas durante os encontros se apresentasse de modo diferente. No sonho de P2, por exemplo, onde o sonhador de encontra contemplando uma cidade, as associações e afetos foram bastante parecidos. A contemplação da cidade, o movimento à distância e a decisão a respeito de qual caminho seguir suscitaram no grupo e no sonhador sentimentos parecidos com o sonho anterior, mas a imagem sugeria um certo distanciamento por parte do sonhador com relação a afetos que pareciam latentes no sonho. No encontro, tornou-se evidente que os sonhos tinham temáticas relativamente parecidas, mas cada um dos participantes apropriou-se dos temas de modo particular.

3.8. O quinto encontro: sonhos de infância e adolescência

Como modo de possibilitar o aprofundamento da dinâmica grupal, a escolha da temática foi deixada a cargo dos seminaristas, que escolheram trazer sonhos da infância

e adolescência. Esta autonomia foi possível devido à coesão do grupo, onde se tornou possível trabalhar os temas com liberdade, sem sugestões da terapeuta ou co-terapeuta. Por ser um tema bastante pessoal para todos os participantes, envolvendo detalhes biográficos dos seminaristas, a escolha do tema voluntariamente no contexto do grupo aparece como uma evidência de uma crescente intimidade entre os seminaristas, que também se apresenta no trabalho realizado a partir das imagens dos sonhos (Tabela 8).

Um desses sonhos com elementos autobiográficos bastante fortes foi o trazido por P1, onde ele se encontra em um quintal com uma castanheira envolta em nuvens. Este sonho teve bastante impacto durante a sua infância, chegando a acreditar que foi um evento real. Depois de adulto, associou esta imagem como algo vindo de Deus, suscitando também no grupo uma impressão de verticalidade e conexão do divino com a Terra. Para o sonhador, a sensação era de estar conectado ao céu. A castanheira foi associada a um invólucro, que ao precisa ser quebrada para que se possa chegar a sua essência. A imagem da castanha foi debatida e ampliada na discussão em grupo como uma metáfora para algo que protege algo frágil, servindo também como analogia para descrever o próprio grupo.

Segundo P4, os seminaristas compreendem os encontros como um momento importante em que se encontram protegidos. Durante os encontros, percebe também experimentar reações físicas, em especial quando o grupo discute temas mais delicados ou que não seriam discutidos abertamente por eles em outro contexto. Para P1, ter trazido o sonho com a irmã ocasionou uma mudança importante em sua postura com relação ao seu falecimento, relatando conseguir olhar novamente para a foto dela, que colocou novamente em um porta retrato. Depois de dividir este sonho e esses afetos com o grupo, o sonhador revelou aos demais que conseguiu colocar a foto da irmã, que havia tentado esquecer, em um porta-retrato como forma de admiti-la novamente em sua vida. Esses

temas de perdas, mortes e restrições foram se aprofundando, apesar do desconforto, a coesão do grupo fornecia uma proteção, tal como a casca da castanha que protege o núcleo e permite o amadurecimento do fruto.

O grupo, então cumpre uma função protetiva para os seminaristas, assim como a noção de verticalidade aparece aos seminaristas como análoga à relação que eles têm com o divino. No caso da proteção, ela cumpre uma dupla função de proteger e ao mesmo tempo esconder algo frágil. Nesta relação, a essência estaria oculta pela casa dura, assim como muitas vezes utilizam de máscaras ou disfarces no dia-a-dia como modo de proteção com relação à dinâmica muitas vezes competitiva do seminário. Neste sentido, P3 associa esta relação com a necessidade de proteger a essência que se transforma, falando a respeito da própria transformação. Este processo, segundo o grupo de modo geral, se dá através do trabalho com os sonhos. As imagens e os afetos trabalhados aparecem através de novos prismas, onde cada elemento aparece através de diversos significados possíveis. A partir desses temas, um dos seminaristas (P3) relatou estar experimentando uma transformação de um estado para outro, muito devido ao aspecto transformador do modo com que os sonhos são abordados durante os grupos. Outro (P2) complementou e compartilhou este sentimento; as imagens e as mudanças ocorridas durante as trocas mudaram, inclusive, os significados da imagem onírica, multiplicando seus significados conforme as discussões iam se tornando mais sofisticadas e mais íntimas. A castanheira e a nuvem tomaram, para o grupo, sendo ampliada de discussões sobre a religião, os significados das imagens e a relação estritamente pessoal deles com Deus.

A castanheira e a nuvem aparecem como elementos de ligação, utilizados pelo grupo para falar da própria experiência religiosa e a importância dos diversos elementos que são constitutivos desta experiência. A nuvem e a verticalidade apresentam, de um

lado, da experiência divina vertical, e a castanheira e seu fruto, de outro, apresentam a necessidade de nutrição e presença necessária para que seja possível a todos dedicarem a vida à religião. Por ser uma experiência muito pessoal, o sonho proporcionou um elemento em comum que permitiu a todos ampliarem o horizonte de suas experiências com a divindade e com Deus.

Os demais sonhos trouxeram diversos aspectos biográficos e possibilitaram um aprofundamento similar e a partir do primeiro sonho. P2 trouxe um sonho de infância com o pai que trouxe no primeiro encontro, enfatizando o fato de olhar para este sonho de um outro modo, aceitando que as coisas acontecem independente da nossa vontade. Este sonho foi bastante comentado ao longo dos encontros pelo grupo, muito associado ao tema da morte, servindo como referência a este tema. A mudança de significado deste sonho constituiu, junto ao sonho com a castanheira, uma mudança de perspectiva com relação ao falecimento do pai e o significado deste sonho. Para o sonhador, esta relação com o pai e este sonho significa uma necessidade do sonhador de aceitação das coisas que não pode mudar. Para os seminaristas, a morte que aparece nos encontros de forma recorrente tem um múltiplo significado.

O pai que aparece para P4 aparece de forma similar na questão temática, apesar da imagem ser diferente: o sonhador está na casa da mãe e da avó, que era cercada por um açude, passeando de bicicleta com o pai, que não conheceu, na garupa. Das margens do açude escutavam gritos de dor, pessoas agonizando. Perguntava para o pai por que faziam isso, no que o pai responde para que o sonhador não se preocupe, que são pessoas que têm mania de se comportar daquele jeito, como forma de deixa-lo seguro, pois o caminho era bastante escuro. Por causa desta fala do pai, o sonhador sentir-se seguro e cuidado, pois é uma figura que tem uma autoridade e cuja voz o tranquiliza em função

dela. Associa esta autoridade do pai à figura do padre, enquanto a igreja realizaria o papel materno, onde ambos atuam em conjunto para a salvação da alma. Na história do sonhador, o pai havia falecido e o sonhador nunca o tinha encontrado pessoalmente. No contexto do sonho, a associação do grupo com relação à figura do pai é de organizador e tranquilizador, no sentido de ser uma figura de poder; o padre seria uma figura similar, enquanto a igreja ocuparia, em analogia, o lugar da mãe: o padre (pai) ouve os pecados que são perdoados através da igreja (mãe).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	O sonhador estava no quintal de casa, em frente a uma castanheira. Uma nuvem do céu vinha e envolvia o sonhador em uma sensação de paz.	O sonhador está se despedindo do pai ao portão e aguarda seu retorno. Não quer que o pai vá trabalhar. O pai não retorna.	O sonhador entra pelo portão de casa, antes de uma chuva de versão. Abre a porta de casa e, ao tentar fechá-la, não consegue por causa do vento forte.	O sonhador passeava de bicicleta com o pai próximo de um açude cercado por água. Escutam gemidos de dor ao redor, mas o sonhador não via nada na escuridão e o pai pedia que ele não desse ouvido aos murmúrios.
Tema	Natureza	Despedida	Tempestade	Passeio
Personagens	Sonhador, castanheira	Sonhador e o pai	Sonhador	Sonhador e o pai
Elementos	Quintal, castanheira, nuvem.	Casa, portão, escada.	Noite, chuva, portão.	Noite escura, açude, bicicleta, vozes.
Afetos do sonhador	Contato com Deus.	Saudades, seguir em frente, segurança no divino.	Sensação de estar indefeso, pânico, enfrentar as forças da natureza como ritual de passagem.	Tranquilidade, segurança.
Afetos do grupo	Proteção, divino, experiência religiosa.	Perda, impotência, saudades.	Lutar contra uma força muito forte, transformação através de dificuldades.	Figura paterna como lugar de tranquilidade e segurança, autoridade, e poder.
Associações	Casca da castanha como proteção daquilo que é essencial; a nuvem como inspiração do divino.	Coisas e eventos que são mais fortes que nós.	Ritual de passagem, transformações ocorridas na adolescência.	Avô e tio foram suas figuras paternas, que o auxiliaram em seu desenvolvimento. Associa esta figura a do padre.

Tabela 8: Sonhos trabalhados no quinto encontro

Em contraste à figura tranquilizadora e conciliadora dos sonhos anteriores, P3 trouxe um sonho de sua adolescência onde luta contra as forças da natureza. “Me sinto indefeso, segurando a porta e não conseguindo fechar. No começo esse vento, essa chuva, dá uma adrenalina de sair correndo para ir para casa e não consigo fechar a porta. Estava

sozinho, não tinha ninguém para me ajudar. A casa estava toda escura”, segundo a transcrição. O sentimento do grupo com esta imagem é a de abrir mão de ser protegido para poder proteger, uma espécie de transformação ou ritual de passagem doloroso de um estado para o outro.

No quinto encontro, o passado secular e pessoal aparece em contraste com a escolha religiosa. Neste sentido, imagens de família, associações com o pai e analogias à igreja e elementos da religião encontram-se articulados às escolhas pessoais. Temas como responsabilidade e escolhas pessoais aparecem com maior relevo.

Como podemos ver a partir da tabela acima, os temas abordados durante este encontro serviram para retomar temas já trabalhados nos encontros anteriores, possibilitando aos seminaristas relacionar sentimentos e afetos antes distantes das escolhas particulares de cada um a aspectos bastante presentes e atuantes na vida cotidiana. Em especial aparece a temática da morte e renovação, da figura do pai aparece como autoridade similar à do padre no contexto em que vivem. A renovação, promessa implícita na morte, não ocorre de modo automático. Ela é conduzida e protegida no seu acontecimento e reencenação como elemento sempre presente; é o horror e ao mesmo tempo reconforto de que há um caminho a ser trilhado. Estas temáticas permitiram a escolha do tema do sexto encontro como forma de relacionarem de maneira mais direta, uma vez que a coesão do grupo e a condução por parte dos seminaristas com relação aos temas permitiram um direcionamento dos temas mais direcionados às pessoas dos seminaristas.

3.9 O sexto encontro: passado secular e escolha religiosa

No sexto encontro, os participantes foram estimulados a trabalhar as diversas personagens que apareciam nos seus sonhos com relação a eles (Tabela 9). Dois dos

participantes escolheram trabalhar elementos que mais chamaram a atenção nos sonhos, enquanto os outros dois escolheram trabalhar figuras que representam pessoas importantes em suas vidas e que já faleceram. Deste modo, a atividade teve como função trabalhar um pouco melhor elementos que causaram desconfortos durante os grupos vivenciais.

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	Sonho com a irmã falecida.	O sonhador está em cima de um morro, considerando o melhor caminho a seguir.	Sonha com o rosto da mãe.	Diversos sonhos com cachorros.
Tema	Reencontro	Subidas	Olhar	Vários sonhos com cachorros
Personagens	Sonhador e sua irmã	Sonhador.	Mãe do sonhador	Cachorros
Elementos	Sonhador e irmã	Morro.	Rosto da mãe	
Afetos do sonhador	Perda e transformação.	Compreensão mais ampla das coisas.	Paz, amor, autenticidade.	Necessidade de dar atenção à própria intuição.
Afetos do grupo	Compartilhar as perdas e transformações.	Impossibilidade de ver o todo; macro e micro visão. Escolhas e renúncias.	Carinho, aceitação incondicional.	As imagens de cachorro despertam sentimentos de lealdade, vigilância e ternura.
Associações	Irmã como parte do próprio sonhador. Elaboração do luto, capacidade de transformar e compreender os próprios sentimentos.	Visão geral do todo, proteção fornecida pela distância. Necessidade de afastamento com relação a determinados momentos.	Aceitação completa pela mãe. Dificuldades encontradas no seminário e a mãe apresenta conforto.	Associa os cachorros a um elemento de ligação, que chama a atenção do sonhador para diversos aspectos dos sonhos em que aparece.

Tabela 9: Sonhos trabalhados no sexto encontro

Estes elementos de desconforto foram associados pelos participantes questões que estão escondidas ou mascaradas, segundo um deles: “não temos uma visão de 360 graus, quando olhamos um lado cobrimos o outro”. Pelo tema ser relativo à vida secular e sua articulação com a vida religiosa, e a consígnia do encontro ser sobre a relação do sonhador e

os elementos constitutivos do sonho, houve uma grande variedade de sonhos narrados durante o sexto encontro. Como podemos ver na tabela acima, alguns dos seminaristas retomaram sonhos trabalhados anteriormente, descrevendo que trabalhar com a temática acarretou também em um trabalho de elaboração de afetos difíceis associados tanto a aspectos pessoais, quanto relativos à escolha pela vida religiosa, conforme podemos ver no sonhos de P1, a respeito de sua irmã. A relação íntima entre aspectos familiares, escolhas e renúncias implícitas pelo ingresso na vida religiosa estão presentes nos sonhos de P2 e P3, na medida em que cada sonho trazido enfatiza certos aspectos, associações e afetos que remontam a necessidades presentes de cada um deles. Levando os sonhos e as temáticas abordadas como um todo, a iniciativa de trazer aspectos múltiplos de sonhos trabalhados ou aspectos de sonhos recorrentes aponta para a necessidade dos participantes de levar em consideração as necessidades elencadas durante os encontros e a articulação com elementos pessoais.

Isto é, houve uma certa mudança dos seminaristas com relação aos conteúdos sonhados, havendo uma percepção mais ou menos geral de que os sonhos tinham uma relação bastante próxima de suas preocupações, anseios e contexto de vida de modo geral. Segundo os sonhadores, esta modificação de atitude perante os sonhos se deu em função dos encontros de vivência de sonhos. Neste sentido, trabalhar estes aspectos no contexto do grupo fornece uma base segura para que se tornem mais conscientes deles, seja através da própria narrativa, seja a partir de observações feitas pelos demais participantes. Esta temática teve continuidade no encontro seguinte, onde além de narrar os sonhos, os seminaristas foram convidados a imaginarem finais alternativos aos sonhos trazidos.

3.10 O sétimo encontro: imaginando finais diferentes

Este aspecto da dinâmica grupal demonstrou ser bastante interessante, levando em consideração a importância dos seminaristas com relação ao grupo e a percepção com relação a transformações ocorridas ao longo dos encontros. Para auxiliar neste processo de elaboração

que ocorre nos intervalos entre os encontros, o sétimo encontro foi pensado como modo de auxiliar nesta elaboração e como modo de iniciar o fechamento das atividades junto aos seminaristas. Por se tratar já do penúltimo encontro, esta atividade de reinventar o final dos sonhos trazidos teve como fio condutor elementos pessoais trabalhados ao longo dos encontros anteriores. Foi uma forma de confronto com questões pessoais que se tornaram presentes desde o primeiro momento (Tabela 10).

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sonho	Não compareceu.	Amigo é gerente comercial em um hotel. Apresenta o sonhador às dependências do hotel. Final diferente: não trabalharia em um hotel.	Sonha com uma caixa d'água na frente de uma casa, apoiada em tijolos empilhados. Sonhador observa a caixa virando e derramando água limpa no chão. Final diferente: calçando a estrutura de forma a torna-la mais firme.	Sonhador está só, procurando o sobrinho que está com objetos seus. Ele chega, sem carregar nada. Começa a marcha eclesial e o sonhador grita com seu sobrinho por não estar trazendo seus pertences. O sobrinho vai buscar e retorna com suas roupas para consagração vermelhas ao invés de brancas. o bispo interrompe a celebração para que o sonhador troque as vestes vermelhas por brancas. Sua irmã traz óleos em um vaso sagrado, um cachorro passa a desequilibra, derrubando o óleo no sonhador, que acorda com raiva.
Tema		Trabalhar em hotel	Cuidar da caixa d'água.	Ordenação diaconal sem os paramentos apropriados.
Personagens		Sonhador e um amigo.	Sonhador	Sonhador, padre, sobrinho, irmã, cachorro.
Elementos		Hotel, pessoas	Casa, caixa d'água.	Igreja, paramentos para celebração, o óleo.
Afetos do sonhador		Curiosidade, apesar de não	Preocupação que a caixa não caia.	Raiva

		querer mudar de ofício.		
Afetos do grupo		Surpresa, rumos inesperados, pertencimento.	Diversos significados da água, vínculo com o grupo.	Diferença entre essência e aparência.
Associações		Proposta de emprego recente e inesperada. Associa aos acontecimentos do sonho.	Associou com preocupação real com relação à caixa d'água, elementos essenciais da vida.	Persistência, teimosia, não desistir apesar das dificuldades.

Tabela 10: Sonhos trabalhados no sétimo encontro

Esta proposta de trabalho com os seminaristas comprovou ser bastante fértil pois os mesmos estavam bastante à vontade para lidar com os temas pessoais, expondo com mais naturalidade aspectos como frustrações, aspirações e receios. Os significados trabalhados se apresentaram sempre em relação com as vivências do histórico de cada um, como por exemplo a relação afetiva entre elementos culturais, como os participantes oriundos do Nordeste, a seca e a estiagem, o sistema de valores e o modo de como esse histórico ainda se torna presente de modo afetivo. Apesar da ausência de um dos participantes (P1), o exercício de imaginar um final diferente foi bastante produtivo no sentido de que a dinâmica serviu como auxiliar no processo com que cada seminarista imaginou alternativas ao desfecho dos sonhos narrados. O processo de re-imaginar o desfecho só foi possível a partir da dinâmica do grupo, onde os afetos, associações e intervenções dos demais participantes serviu como base para as reflexões do sonhador. Esta troca permitiu aos participantes o estabelecimento de um ambiente íntimo onde os demais participantes servem como pontos de apoio e segurança que refletem nos participantes individuais. Por isso, no último encontro a temática, como forma de fechamento, foi esse aspecto afetivo do grupo através da elaboração de uma linha do tempo. Para esta linha do tempo, foi solicitado a cada participante colocar em uma folha de sulfite o que ficou de cada encontro, lembrar cada sonho que contou e escutou. Elencar quais foram as principais temáticas das series de sonhos e como

foi explorada no grupo, como esses sonhos ou a reflexão desses sonhos contribuíram para seu desenvolvimento. Ao final deste exercício, foi pedido para o seminarista fazer um desenho que o participante estivesse antes de começar o trabalho com os sonhos fazer uma ponte e o que ele encontrou no outro lado da ponte ao final dos oito encontros.

3.10 O oitavo encontro: linha do tempo e fechamento

Como forma de fechamento, foram feitas diversas perguntas a partir da linha do tempo feita por cada seminarista, trabalhando diversos aspectos vivenciados ao longo dos encontros anteriores. A linha do tempo realizada pelos participantes serve como forma de auxiliar cada um, de forma individual, a perceber possíveis mudanças e transformações ocorridas ao longo dos encontros, de forma a fornecer a cada participante para perceberem de que forma os encontros possibilitaram transformações e investigar as diferentes percepções dos participantes a respeito dos encontros realizados. Esses aspectos trabalhados foram organizados em diversas tabelas (Tabela 11, Tabela 12, Tabela 13 e Tabela 14), organizados de acordo com perguntas feitas aos seminaristas como forma de fornecer a eles um fechamento do Grupo Vivencial, assim como receber de modo mais direto a percepção de cada um a respeito da experiência pessoal no contexto de grupo.

Participante	Percepção
P1	Percebi através do contato com as imagens dos sonhos, entrei em contato com afetos que eu negava, este contato deu uma ressignificação, um novo sentido, ampliação da consciência, responsabilidade pelas minhas escolhas.
P2	Muito proveitoso, no momento em que eu precisava falar, era algo não programado, mas os sonhos refletiam o que eu estava passando, me ajudou entrar em contato com os afetos e dar uma direção. Os sonhos ajudaram-me a olhar e entender o que era importante par mim neste momento.
P3	No início estava um pouco desconfiado com esta questão do inconsciente. O grupo exigiu refletir, entrar em contato com afetos que se julga negativo. A moral atrapalha; você ser autêntico consigo mesmo.
P4	A partir do grupo de vivência de sonhos começou a conversar com as imagens do inconsciente, e as imagens dos sonhos foram se modificando. Percebeu que tinha outras áreas na sua vida que não estava olhando, com o tempo convergimos a uma questão apenas.

Tabela 11: Percepção dos seminaristas sobre o Grupo Vivencial

Nesta primeira pergunta, a respeito da percepção da experiência de cada seminarista ao longo dos encontros, as respostas indicam uma adaptação gradual do grupo como um todo. Enquanto alguns revelam as próprias percepções de antes e após o grupo, revelando certo receio e desconfiança tanto pelo tema abordado, quanto pelo aspecto grupal da vivência, outros trouxeram elementos que sugerem que os encontros proporcionaram mudanças significativas. Para alguns, como P1, o grupo atuou de forma a expandir a percepção de uma necessidade de autorreflexão a respeito de aspectos seus que o deixavam desconfortável; para outros, foi a possibilidade de contato com os próprios sonhos através da vivência dos demais que possibilitou perceber aspectos pessoais nos afetos, imagens e associações feitas ao longo dos encontros.

Participante	Percepção em relação ao trabalho com os sonhos
P1	Acolhimento das pessoas sem o julgamento, sentido de pertencimento, de escutar os outros. Isso também proporcionou poder escutar a mim mesmo. A intervenção, as perguntas, levavam a ver um outro lado.
P2	Conexão com o grupo, respeito às regras, isto deixou seguro para falar, ouvir se conectar com a imagem do sonho e com o grupo.
P3	A confiança foi fundamental para falar dos sonhos, para escutar os outros participantes e refletir e ampliar as questões. Interessante ver que o significado pessoal e os que os outros percebem é diferente.
P4	Curiosidade de saber como o grupo ia funcionar. Me surpreendeu positivamente, senti como se pertencesse ao grupo Uma conexão especial.

Tabela 12: Percepção em relação ao trabalho com sonhos

A relação entre a dinâmica do grupo e a possibilidade de trabalho com sonhos, conforme podemos ver na Tabela 12, acima, apresentou ser intrinsecamente relacionado à dinâmica do grupo. Podemos ver que, para os participantes, o elemento que possibilitou e manteve o interesse de cada um no trabalho com os sonhos foi o estabelecimento de laços de confiança com os demais participantes. A postura de acolhimento e não-julgamento, junto com as impressões levantadas pelos participantes durante a comunicação dos sonhos, sentimentos e afetos, serviu como elemento facilitador do trabalho.

Participante	Grupo Vivencial de sonhos como ferramenta de trabalho
P1	É uma ferramenta de trabalho para chegar no autoconhecimento de forma mais integral levando em conta o inconsciente, que não é fácil desvendar sozinho. Seminaristas são muito racionais, porque vivemos uma ideologia, o sonho não tem censura, desmascara os afetos. Carência muito grande de trabalhar a parte humana, o enfoque é a parte intelectual.
P2	Ferramenta preciosa para trabalhar com seminaristas porque ajuda entender os conflitos atuais.
P3	Ferramenta para entrar em contato com o que está mais profundo, mais íntimo de cada um.
P4	É uma ferramenta de trabalho para entrar em contato com aquilo que está escondido. Com a humanidade dos afetos.

Tabela 13: Grupo Vivencial de sonhos como ferramenta de trabalho

Em consonância com a percepção ocorrida ao longo dos encontros e das respostas anteriores, os seminaristas como um todo apreciaram o grupo como uma ferramenta interessante de trabalho. Em geral, a percepção foi que o trabalho em grupo e a proposta de trabalhar as imagens oníricas de diversas maneiras, seja permitindo que o grupo como um todo trabalhe um dado sonho, seja propondo um enfoque diferenciado no trabalho do sonho individual, permitiram uma ampliação no horizonte de cada participante. Esta abertura de horizonte aparece como aspecto central da existência do grupo, onde o acolhimento e crescente intimidade entre os participantes permitem trocas mais autênticas entre os membros. O elemento marcante aparece como a inter-relação entre a intimidade possibilitada pelo grupo e a dinâmica estabelecida como facilitadores para a reflexão individual. A segurança fornecida pelo grupo e sua coesão contribuíram de modo bastante interessante para que cada membro se sentisse mais à vontade e seguro de entrar em contato com elementos pessoais antes rejeitados, dentro ou fora dos encontros.

Participante	Sonhos significativos
P1	Sonho do congestionamento / sonho com a irmã / sonho de um ensina e outro aprende.
P2	O sonho da infância/ sonho de paraquedas/sonho da montanha
P3	Cachorro do portão/ padre feriu as pessoas/ ladrão rondando a casa
P4	Sonho com a menina/ sonho da lua e o sol/ homem caminhando com o cachorro

Tabela 14: Sonhos significativos

Para finalizar o oitavo encontro, cada participante trouxe os sonhos mais marcantes trabalhado ao longo dos grupos. De acordo com a tabela acima, é possível ver que os sonhos que mais marcaram os seminaristas estão relacionados a sonhos com alto valor autobiográfico e afetivo, cujos conteúdos foram retomados em diversos encontros e trabalhados em mais de um encontro. Em geral, os sonhos marcantes foram aqueles que produziram afetos bastante fortes, mesmo aqueles ocorridos durante a infância e adolescência, mas que acompanharam cada seminarista individualmente e os marcaram de alguma forma. O trabalho no Grupo Vivencial, conforme vimos nas seções específicas de cada encontro, possibilitou muitas vezes a retomada e elaboração desses afetos, com a articulação e reflexão do sonhador que permitiu a cada um deles situar os sonhos tanto no contexto onde eles ocorreram, quanto o que significam para eles atualmente.

4. Discussão

Os encontros, de modo geral, apresentaram uma riqueza de material, tanto pelas imagens trabalhadas ao longo dos oito encontros, quanto pelos aspectos da dinâmica do grupo que se estabeleceu ao longo dos encontros. É possível entrever diversos modos de compreensão teórica para nos auxiliar na articulação dos grupos com os aspectos psicológicos encontrados. Conforme mencionamos anteriormente, o trabalho de Grupo Vivencial de sonhos proposto por Gallbach (2014a) tem como proposta central a utilização dos sonhos como modo de abertura de uma experiência de grupo através das imagens oníricas, evitando a interpretação dessas imagens, porém as utilizando como modo de facilitar o estabelecimento do vínculo grupal. É este vínculo que possibilita o trabalho e a elaboração do sentido das imagens trabalhadas, uma vez que cada participante oferece suas impressões pessoais a respeito dos sonhos narrados pelos demais participantes (Gallbach, 2014b).

A partir deste vínculo, o Grupo Vivencial torna-se terapêutico mesmo não tendo como proposta a terapia em grupo. Como a experiência de Freitas (2014) com grupos vivenciais nos mostra, o trabalho de sonhos da clínica individual tem forte caráter terapêutico no sentido de condução clínica de um caso individual. Em comparação, o sonho vivenciado no grupo apresenta um aspecto diferenciado na medida em que apresenta-se como meio através do qual o grupo encontra um espaço em comum para discutir aspectos individuais sem, entretanto, fecharem-se em narrativas direcionadas a um terapeuta ou buscando, através desta narrativa, uma resolução a um problema específico (Freitas, 2014, p. 88–93). Isto não significa dizer que as imagens trabalhadas são destituídas de uma elucidação através deste trabalho, mesmo sem haver um esforço do terapeuta ou dos participantes em interpretar. Este ponto de vista com relação às

imagens oníricas e a necessidade de decifrar seu significado aparece já na fala de um dos participantes, cujo interesse pelo grupo veio através de uma leitura prévia de uma vasta literatura de Psicologia Analítica. Este interesse não é incomum entre pessoas interessadas na literatura psicológica de modo geral, porém o conteúdo por si só não é o suficiente para elucidar o seu sentido mais profundo (Jung, 2001). Isto é, o trabalho com os sonhos não envolve apenas o elemento intelectual, isto é, o pareamento das figuras oníricas a figuras semelhantes encontradas na cultura, nem as associações pessoais realizadas pelo sonhador. Antes, o ato de narrar, os elementos afetivos do sonho e o modo como o sonhador é afetado, assim como as partes esquecidas ou suprimidas e os efeitos gerados naquele que escuta esta narrativa são fundamentais para que se possa compreender o sonho e este sirva como uma ferramenta eficaz de expansão da consciência do sonhador (Penna, 2014, p. 117–119).

Outro ponto importante que deve ser destacado e que também distingue os aspectos psicológicos do Grupo Vivencial trata do contexto e formação do grupo. Em diversas pesquisas com grupos vivenciais (Freitas, 2014; Marion Rauscher Gallbach, 2014a; Leite, 2014), a composição do grupo também foi elemento determinante na construção do vínculo grupal, assim como o modo com que cada um desses grupos trabalhou as imagens oníricas ao longo dos encontros. Em nosso caso, por se tratar de um grupo de seminaristas relativamente pequeno e homogêneo, as temáticas abordadas giraram em torno de conflitos relativos à atitude dos seminaristas com relação aos sonhos, conflitos relacionados às ambivalências e necessidade de sacrifício pessoal no ingresso à vida consagrada. Muitos desses conflitos aparecem e são discutidos pelo grupo na medida em que a vida consagrada, no contexto atual dos seminaristas, configura-se como uma carreira segundo moldes seculares: as preocupações dos seminaristas aparecem, junto à

necessidade de experiência divina, misturadas à competição com seus pares de seminário, à escolha pelo modo de consagração e as opções de carreiras que se dividem entre a vida em Congregação ou o trabalho junto ao Bispo na Diocese. Ou seja, junto à noção de consagração e a vocação ao sacerdócio como consequência de uma experiência ou inspiração divina, encontram-se preocupações similares a demais carreiras seculares, como competição entre os pares, a importância da escolha em termos de carreira e inserção do seminarista dentro de um contexto organizacional maior.

Em termos psicológicos, pode-se dizer que os grupos trabalharam aspectos individuais de cada seminarista dentro da perspectiva dos aspectos sombrios de cada participante, revelado a partir de aspectos rejeitados pelo sonhador, porém revelados pelos sonhos e percebidos pelos demais, associada à utilização de aspectos externos ao sonhador como modo de apoio à própria concepção rígida com relação a si mesmos. Em outras palavras, os diversos sonhos trabalhados revelaram conteúdos associados à sombra e à persona de cada sonhador.

Segundo Jung (2011a), ambos os aspectos da personalidade são associados e se opõem, na medida em que a sombra é constituída de elementos, em geral de caráter moral, rejeitados pelo indivíduo porém fazem parte de sua personalidade; por outro lado, a persona é um modo de apropriação individual de elementos coletivos de forma relativamente inconsciente e possibilita ao indivíduo participar da sociedade e esconder suas idiossincrasias e aspectos antissociais. Este último, por ser um enxerto coletivo utilizado pelo indivíduo como modo de interagir e pertencer em sociedade, não é parte integral da personalidade individual, pois pertence à cultura e o indivíduo apenas se apropria desses valores como modo de adaptação ao seu contexto (Jung, 2011a, p. 45–47). Ambos se opõem na medida em que a sombra é um elemento desadaptado, individual

de conteúdos rejeitados inconscientemente pela pessoa, enquanto a persona é um elemento de adaptação do indivíduo ao meio, porém não coincide com a totalidade de sua personalidade.

Um dos participantes e sua narrativa pode serve como um bom exemplo de como esta dinâmica apareceu e foi trabalhada durante os encontros. No terceiro encontro, um dos sonhadores narrou um sonho com sua irmã, já falecida. Para o sonhador, este reencontro com a irmã falecida coincidiu com o aparecimento de uma angústia muito forte, acompanhado de uma grande tristeza: esta irmã havia falecido em circunstâncias nas quais iam contra os valores do sonhador, em específico, entravam em conflito com valores com que o sonhador se encontrava identificado enquanto seminarista, mas não como seu irmão. Deste modo, havia um aspecto do sonhador que amava genuinamente sua irmã e sentia pesar pelo seu falecimento ao lado de outro aspecto, o de seminarista e homem de fé, cujos valores não o permitiam aceita-la em função da irmã do sonhador ter agido contra sua fé. O ato da irmã e sua rejeição estavam associados à fantasia sustentada pelo sonhador com relação à consagração e o estatuto social desta; ou seja, havia a necessidade de uma obediência irrestrita ao caminho escolhido que tolhia o participante de permitir a si mesmo sentir o pesar pela morte da irmã pois tal permissão era vista como uma mácula no papel que deveria realizar, o de sacerdote e homem consagrado. Ao rejeitar a irmã e o afeto associado a ela, o sonhador apoia-se em um modelo externo de comportamento como modo de evita-los.

Este conflito e a utilização de um modelo externo como modo de resolvê-lo, conservando o amor e o pesar pela irmã intacto, traduz-se como um apoio às formalidades desse modelo, em detrimento de uma entrega à consagração de modo autêntico. Isto é, o foco do sonhador são os elementos externos e esses elementos externos, a persona, é

confundida com a própria personalidade do sonhador. Deste modo, a vivência interior é esquecida e torna-se empobrecida. Como diz Jung (2011b), a exigência da escolha pela vida consagrada de seguir um modelo deveria levar o religioso a uma experiência mais profunda; a utilização deste modelo apenas como formalidade

[...]transforma esse modelo num objeto externo de culto; a veneração desse objeto o impede de atingir as profundezas da alma, a fim de transformá-la naquela totalidade que corresponde ao modelo. Dessa forma, o mediador divino permanece do lado de fora, como uma imagem, enquanto o homem continua fragmentário, intocado em sua natureza mais profunda (Jung, 2011b, p. 20–21).

Este processo e conflito foi trabalhado no Grupo Vivencial cujo aspecto transformador, na perspectiva do sonhador, permitiu que a dinâmica grupal o permitiu viver este afeto antes rejeitado. No momento do relato, o sonhador relatou não pensar muito na irmã em termos favoráveis. Dois encontros depois, revelou ao grupo conseguir colocar a foto da irmã no porta-retratos, indicando uma atenuação desse conflito e uma maior aceitação de aspectos de si mesmos na medida em que conflitos similares eram trabalhados pelos demais participantes. Embora não tenha sido trabalhado a partir com uma finalidade terapêutica, o ato de compartilhar, ouvir e entrar em contato com os afetos no contexto do grupo foi um dos elementos que permitiu a expansão da compreensão de si mesmo por parte do sonhador (Gallbach, 2014a).

O aspecto terapêutico do grupo se dá por diversos fatores que são constitutivos da proposta de articular o trabalho com sonhos de forma vivencial e sua composição. Através dos encontros, conforme foi possível verificar ao longo do trabalho, houve a constituição daquilo que Freitas (2005) e Gallbach (2014b) denominam de *Self* grupal. Podemos entender este conceito como a identidade e coesão que se forma no Grupo Vivencial ao

longo dos diversos encontros, servindo de continente para os participantes e formando uma identidade grupal, em uma dialética que permite aos participantes a diferenciação entre aquilo que é pessoal e individual daquilo que é coletivo e comum a todos.

Este aspecto de continência se seu aspecto dialético apareceu e foi trabalhado no grupo através do sonho da castanheira, conforme a Tabela 8. A imagem da castanha e sua relação com o fruto, ao longo da ampliação realizada durante a discussão do grupo, é associada tanto como uma imagem adequada para representar o grupo e como os participantes se sentiam durante os encontros, quanto uma metáfora apropriada para descrever como se dá o desenvolvimento psicológico de modo individual. A imagem da castanha, no sonho, também está associada à relação do sonhador com Deus, cujo aparecimento se dá através da imagem da nuvem que encobre a castanheira e o afeto associado pelo sonhador de estar envolto na presença divina. É interessante notar aqui que a associação com a divindade e a experiência de desenvolvimento e transformação ocorre a partir das associações, tanto individuais quanto coletivas do grupo, sem haver interferência dos pesquisadores no sentido de fornecer interpretações. Por ser um Grupo Vivencial composto de seminaristas, as associações feitas pelo grupo aparecem articuladas à sua realidade compartilhada, de escolha profissional e dedicação à religião como temática recorrente ao longo dos encontros. O *Self* grupal neste contexto específico dos seminaristas, portanto, aponta para as associações, afetos e vivências que correspondem ao universo em comum dos participantes. Como nota Gallbach (2014b):

Grupos constituídos por pessoas portadoras de condições semelhantes, sejam estas a mesma profissão, mesma doença ou outras, têm no compartilhamento e trabalho com seus sonhos a oportunidade de uma radiografia mais profunda de sua condição, podendo diferenciar aspectos individuais de coletivos, junto com as

possibilidades da emergência de aspectos curativos mobilizados nos sonhos pelo *Self* grupal. [...] Isso evidencia os *Grupos de Vivência de Sonhos* como metodologia de pesquisa eficaz, por aprofundar o acesso, e por mobilizar a compensação do *Self* grupal, para as questões comuns aos integrantes do grupo (Gallbach, 2014b, p. 70).

Ao enfatizar os aspectos em comum e servir como continente para os participantes, os grupos vivenciais acabam por apresentar um aspecto terapêutico sem, necessariamente, ter uma proposta abertamente terapêutico. Como mencionamos anteriormente, é possível entrever nos sonhos trabalhados elementos de conflito e aspectos da personalidade de cada seminarista, em especial a persona, ou aspecto público da personalidade individual, e a sombra de cada um. Ao mesmo tempo, os conflitos entre a carreira, as quebras de expectativa e sua relação com aspectos muitas vezes desconfortáveis ou abertamente rejeitados pelos seminaristas apareceu como experiência compartilhada. A composição do grupo e sua continência permitiu ao grupo como um todo trazer esses conteúdos e afetos à tona, sendo trabalhados de forma autônoma e utilizando das imagens dos sonhos como meios que possibilitaram a expressão desses aspectos de forma construtiva e terapêutica.

Os diversos fatores constitutivos da proposta de Grupo Vivencial, portanto, apontam para um horizonte terapêutico na medida em que o contato com as imagens do sonho e o contato com outras pessoas no contexto de um encontro íntimo são elementos em si mesmos (Freitas, 2014; Gallbach, 2014b). Em outras palavras, mesmo não sendo a finalidade do grupo ser terapêutico, a jornada individual e coletiva proporcionada por ele contém elementos terapêuticos de modo geral. Estes elementos, além da formação de uma dinâmica de continência e confiança grupal, do contato consigo mesmo através das

imagens e afetos, se dá também a partir da proposta de reexaminar os sonhos de modos antes não considerados ou, mais especificamente, propondo um exercício de imaginação para pessoas que há muito se afastaram desta prática. Como coloca Mendes (2014), o contato com o sonho no Grupo Vivencial atinge

[...]aqueles que ‘não sonhavam ou que pararam de sonhar’, reanimando-os, produzindo um efeito imagético; quer dizer, propondo um grande exercício de imaginar-se na fotografia onírica, na capacidade intrínseca de imaginar[...] (Mendes, 2014, p. 262).

Ou seja, recuperando a própria capacidade do sujeito de imaginar, faculdade humana que desde tempos remotos serviu de conexão entre o homem e o mundo ao seu redor, e o homem consigo mesmo.

4.1 Considerações finais

Através desta proposta de Grupo Vivencial de sonhos foi possível aos participantes re-visitarem seus sonhos e compartilhá-los, não apenas vivenciá-los como experimentá-los através da escuta e da interação com o grupo. O grupo aqui teve um papel fundamental para os participantes sentirem-se acolhidos, até mesmo nos seus aspectos mais sombrios. Esta dificuldade aparece tanto como expressão individual de cada um deles, porém retroalimentada pelo contexto que eles estão inseridos. Ao renunciar o mal e a vida mundana, acabam confundindo os dois. Conforme vimos anteriormente ao longo dos diversos encontros, isto aparece como temáticas narradas e comentadas pelos participantes nos grupos, tendo essa temática da angústia recorrente desde o primeiro encontro. O contar sonhos em um grupo cria uma tendência de intimidade maior porque os sonhos tendem ser mais pessoal e familiar (Castleman, 2004, p. 65).

Cada encontro foi pensado de modo que os participantes fossem tomando contato crescente com seus conteúdos e fossem relacionando com sua vida particular. Ao longo deste processo, os participantes desenvolveram um grau de confiança que permitiu a coesão de uma identidade própria independente da figura do terapeuta e não mediada por ela.

Podemos entender a evolução desta dinâmica por dois aspectos: primeiro o trabalho com as regras claras sobre o funcionamento do grupo que serve de continente e as imagens servem de condutor dos temas discutidos no grupo proporcionando uma abertura de horizonte. Essa abertura de horizonte fez eles se sentirem próximos uns dos outros vivenciando temas comuns aos seminaristas. A hipótese dos próprios participantes é que isto aconteceu por serem seminaristas de congregações diferentes, porém, é preciso lembrar as regras colocadas desde o primeiro encontro se colocariam para os seminaristas de uma mesma congregação. É possível que a dinâmica apontada pelos seminaristas facilitou a rapidez que a coesão grupal se formou, por se tratar de pessoas cuja a presença não representa uma ameaça para eles.

Os participantes perceberam que através do contato com as imagens dos sonhos, entraram em contato com afetos que em outros momentos era difícil de admitir, conseguindo ampliar os horizontes tanto em relação ao outro como no contexto particular, auxiliando a compreender o que era importante naquele momento, presentificando os seminaristas na sua relação pessoal e religiosa.

Para estes participantes o Grupo Vivencial de sonhos tornou-se uma ferramenta eficaz para chegar no autoconhecimento. O grupo proporcionou aos participantes um meio eficaz e e um espaço adequado para entrarem em contato consigo mesmos, em diversos momentos estabelecendo um ponto a partir do qual conseguiam aprofundar o

modo de cada um lidar com elementos muitas vezes díspares e contraditórios de suas trajetórias. Esta busca de cada um, evidenciada ao longo do trabalho em muito lembra a passagem de Santo Agostinho (2011):

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Estavas dentro de mim e eu estava fora, e aí te procurava...Estavas comigo e eu não estava contigo...Mas Tu me chamaste, clamaste e rompeste a minha surdez. Brillhaste, resplandeceste e curaste a minha cegueira (Livro X Agostinho, 2011, p. 36).

Referências

- Agostinho, S. (2011). *Confissões* (6º ed). São Paulo: Paulus.
- Bulkeley, K. (2016). *Big dreams: The science of dreaming and the origins of religion* (1º ed). Oxford: Oxford University Press.
- Castleman, T. (2004). *Threads, knots, tapestries* (2º ed). St. Paul: Syren Books.
- Ceccon, R. P., & Holanda, A. F. (2012). Interlocução entre Rudolf Otto, Carl Gustav Jung e Victor White. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(1), 63–77.
- Descartes, R. (2005). *Meditações Metafísicas*. (M. E. Galvão, Trad.) (2º ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Dilthey, W. (1989). *Introduction to the Human Sciences*. (R. A. Makkreel & F. Rodi, Orgs.) 1985 (Vol. 1). New Jersey: Princeton University Press.
- Dodds, E. R. (2002). *Os gregos e o irracional* (1º ed). São Paulo: Escuta.
- Dourley, J. (1995). The religious implications of Jung's psychology. *Journal of Analytical Psychology*, 40(2), 177–203. <http://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1995.00177.x>
- Durand, G. (1988). *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix.
- Durand, G. (2008a). A figura tradicional do homem. In *Ciência do homem e tradição: o novo espírito antropológico* (1º ed, p. 13–65). São Paulo: TRIOM.
- Durand, G. (2008b). Ciência Histórica e Mitologia Tradicional. In *Ciência do homem e tradição: o novo espírito antropológico* (1º ed, p. 67–103). São Paulo: TRIOM.
- Durand, G. (2010). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem* (4º ed). Rio de Janeiro: DIFEL.
- Eliade, M. (2013). *Mito e Realidade* (6º ed). São Paulo: Perspectiva.
- Ellenberger, H. F. (1994). *The Discovery of the Unconscious: the history and evolution*

- of dynamic psychiatry* (2^o ed). London, United Kingdom: FontanaPress.
- Faria, D. L. de, Freitas, L. V. de, & Gallbach, M. R. (2014). *Sonhos na psicologia junguiana: Novas perspectivas no contexto brasileiro*. São Paulo, SP: Paulus.
- Franz, M.-L. von. (1996). *O caminho dos sonhos* (10^o ed). São Paulo: Cultrix.
- Frazer, J. G. (1980). *Taboo and the perils of the soul. 1913*. London: The Macmillan Press.
- Freitas, L. V. de. (2005). Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. *Psicologia USP*, 16(11), 45–69.
- Freitas, L. V. de. (2014). O sonho na psicoterapia, nos grupos vivenciais e na formação do psicólogo: iniciação e linguagem facilitadora. In M. R. Gallbach, L. V. de Freitas, & D. L. de Faria (Orgs.), *Sonhos na Psicologia Junguiana* (1^o ed, p. 79–105). São Paulo: Paulus.
- Gallbach, M. R. (2014a). *Aprendendo com os sonhos* (1^o ed). São Paulo: Paulus.
- Gallbach, M. R. (2014b). O potencial de cura dos sonhos e a eficácia terapêutica dos grupos de vivência de sonhos. In M. R. Gallbach, L. V. de Freitas, & D. L. de Faria (Orgs.), *Sonhos na Psicologia Junguiana* (1^o ed, p. 49–78). São Paulo: Paulus.
- Grün, A. (2002). *Os sonhos no caminho espiritual*. (A. Schwinden, Org.) (1^o ed). Curitiba: Lyra Editorial.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. (G. Barcellos, Trad.) (1^o ed). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2001). *Psicologia do Inconsciente. 1917* (13^o ed, Vol. VII/1). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2006a). Aspectos gerais da psicologia do sonho. In *A natureza da psique* (6^o ed, p. 177–220). Petrópolis: Vozes.

- Jung, C. G. (2006b). Da essência dos sonhos. In *A natureza da psique* (6º ed, Vol. VIII/2, p. 221–239). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2011a). *O eu e o inconsciente. 1934* (23º ed, Vol. VII/2). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2011b). *Psicologia e alquimia. 1951* (5º ed, Vol. 12). Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2011c). *Símbolos da Transformação* (7º ed, Vol. V). Petrópolis: Vozes.
- Kearns, L. (2015). *A teologia da vida consagrada. 1999*. Aparecida: Editora Santuário.
- Leite, T. M. (2014). “Caos” invertido - A perspectiva de tempo no sonho. Sobre a lógica do pensamento onírico na dinâmica pessoal e social. In M. R. Gallbach, L. V. de Freitas, & D. L. de Faria (Orgs.), *Sonhos na Psicologia Junguiana* (1º ed, p. 19–34). São Paulo: Paulus.
- Main, R. (2013). Secular and religious : the intrinsic doubleness of analytical psychology and the hegemony of naturalism in the social sciences. *Journal of Analytical Psychology*, 58, 366–386. <http://doi.org/10.1111/1468-5922.12019>
- Mendes, D. C. (2014). Começando a sonhar: trabalhando os sonhos em grupo no hospital dia de saúde mental. In *Sonhos na Psicologia Junguiana* (p. 250–266). São Paulo: Paulus.
- Pelikan, J. J. (1971). *The Christian Tradition: a History of the Development of Doctrine* (1º ed, Vol. 1 The Emer). Chicago: University of Chicago Press.
- Penna, E. M. D. (2014). As mensagens dos sonhos: traduzir e compreender processamento simbólico arquetípico. In M. R. Gallbach, L. V. de Freitas, & D. L. de Faria (Orgs.), *Sonhos na Psicologia Junguiana* (1º ed, p. 106–131). São Paulo: Paulus.
- Romanyshyn, R. D. (2005). *Technology as symptom and dream. 1989*. New York: Routledge.
- Salis, V. D. (2002). *Paidéia: para formar um homem “obra de arte, ético e criador” no século XXI ou Os doze trabalhos de Hércules para o caminho do herói em busca da*

eternidade. São Paulo: Do autor.

Sant'Anna, P. A. (1996). *Um estudo dos arquétipos nos sonhos de portadores do HIV*. Universidade de São Paulo, Brasil.

Santos, J. C. dos, & Serbena, C. A. (2017). Trabalho com sonhos em saúde mental na perspectiva da psicologia analítica. *Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC*, 11(21), 501–526.

Shamdasani, S. (2004). *C.G. Jung and the Making of Modern Psychology - The dream of a science* (1º ed). New York: Cambridge University Press.

Stephens, B. D. (2001). The Martin Buber-Carl Jung disputations : protecting the sacred in the battle for the boundaries of analytical psychology. *Journal of Analytical Psychology*, 46, 455–491.

Vaticano. (2013). *Código de Direito Canônico* (22º ed). Edições Loyola.

Veyne, P. (1988). *Did the Greeks believe in their myths? An essay on Constitutive Imagination*. University of Chicago Press.

Veyne, P. (2010). *When our world became Christian*. Malden: Polity Press.

Whitmont, E. (1964). Group Therapy and Analytical Psychology. *Journal of Analytical Psychology*, 9(1), 1–101.

Withers, R. (2008). Descartes' dreams. *Journal of Analytical Psychology*, 53(5), 691–709. <http://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2008.00760.x>

Yalom, I. D., & Leszcz, M. (2006). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática* (5º ed). Porto Alegre: Editora Artmed.

ANEXO A: Roteiro da entrevista inicial

Questionário para a entrevista de entrada no grupo vivencial de sonhos com seminaristas

NOME: _____

SEXO:

() MASCULINO () FEMININO DATA DE NASCIMENTO: ___/___/_____

IDADE: _____ CURSANDO TEOLOGIA: 1º () 2º () 3º () 4º () ANO PERTENCE

ATUALMENTE A QUE CONGREGAÇÃO: _____

QUANTO TEMPO É SEMINARISTA _____

JÁ TROCOU DE CONGREGAÇÃO _____

QUAIS AS MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM VOCÊ A ESCOLHER O CAMINHO DA VIDA CONSAGRADA

HOUVE OU NÃO UMA FONTE INSPIRADORA QUANTOS ANOS VOCÊ TINHA QUANDO ENGRESSOU NO SEMINÁRIO

FAZ OU FEZ USO DE MEDICAÇÃO

PSICOTRÓPICA () Sim () Não QUANTO TEMPO _____
QUAIS _____

COMO FOI E COMO VOCÊ SE SENTIU A CADA ETAPA QUE PERCORREU NA SUA FORMAÇÃO DENTRO DO SEMINÁRIO NO SEU MOMENTO ATUAL

COMO O GRUPO VIVENCIAL DE SONHOS PODERIA AJUDÁ-LO NESTA CAMINHADA

PARA O RELAXAMENTO QUAL O TIPO DE SOM QUE LHE INCOMODA

ANEXO B: Roteiro da entrevista final

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA FINAL

1. Como foi sua experiência no grupo?
2. Diferença entre expectativa inicial e a sua percepção atual do grupo.
3. Mudanças percebidas em si próprio.
4. Relacionamento com o grupo.
5. Algum evento/mudanças importante neste tempo (entre entrevistas).
6. Maior dificuldade no grupo.
7. Maior facilidade.
8. Observações para aperfeiçoar/melhoria.

ANEXO C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Departamento de Psicologia
Praça Santos Andrade, 50 - Centro - 80060-140 - Curitiba - PR
Tel. (41) 3310-2644 -



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Professor Dr. Carlos Augusto Serbena, e a Alessandra Massolini pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), estamos convidando alunos de Teologia do Centro Universitário Claretiano a participar de um estudo intitulado: "Seminaristas e a experiência religiosa: uma abordagem em grupo na perspectiva da Psicologia Analítica". Essa pesquisa possibilita o autoconhecimento e o aprendizado do trabalho com os próprios sonhos, ou seja, com conteúdos oníricos e chegar, desta forma, a um maior equilíbrio psicológico e crescimento pessoal.

O estudo tem como objetivo principal descrever a experiência de contato com os aspectos simbólicos dos sonhos, suas implicações na dinâmica psíquica em um contexto de grupo de vivência de sonhos. Caso você participe da pesquisa, será necessário a realização de uma entrevista inicial, acompanhamento e desligamento do grupo. As entrevistas terão duração em média de 50 minutos com o preenchimento de duas escalas referente a seus afetos, sentimentos e autoestima. O comparecimento aos grupos vivenciais de sonhos será uma vez na semana durante duas horas de acordo com o calendário estabelecido pelos pesquisadores. O grupo é fechado com 08 encontros será realizado no Centro Universitário Claretiano, o participante poderá se desligar a qualquer momento, para tanto deverá ser comunicado aos pesquisadores.

É possível que o Senhor (a) experimente alguma alteração emocional como: ansiedade, estresse, angústia ou preocupação ao relatar algum conteúdo do sonho durante a participação no grupo. Neste caso, o participante poderá solicitar atendimento individual e será encaminhado ao Centro de Psicologia Aplicada (CPA) no endereço Praça Santos Andrade, 50 - CEP: 80.020-300. Curitiba - PR.

Os benefícios esperados com essa pesquisa do ponto de vista qualitativo, são que os participantes adquiram maior equilíbrio psíquico, espaço para escuta qualificada, e para maior clareza de sua problemática pessoal, tolerância e flexibilidade no campo afetivo/emocional. Em termos quantitativos, espera-se aumento na sua autoestima e maior vivência de afetos positivos e consequente diminuição de afetos negativos. Espera-se encontrar esses resultados qualitativos e quantitativos após a participação de 08 semanas no grupo de sonhos.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa
em Seres Humanos do Setor de Ciências da
Saúde/UFPR.
Parecer CEP/SD-PB, nº 206 8139
na data de 17/05/2019

Rubricas:
Participante da Pesquisa e /ou responsável legal _____
Pesquisador Responsável _____
Orientador _____ Orientado _____

Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Rua Padre Camargo, 285 - Térreo - Alto da Glória - Curitiba-PR - CEP:80060-240
Tel (41)3360-7259 - e-mail: cometica.saude@ufpr.br

O pesquisador principal Psicólogo, Professor e Doutor Carlos Augusto Serbena responsável por este estudo poderá ser contatado na Universidade Federal do Paraná, Fone: (41)3310-2644, Endereço: Praça Santos Andrade – 2º andar – sala 216 - Curitiba – PR ou pelo e-mail caserbena@yahoo.com para esclarecer eventuais dúvidas que possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.

Eu, _____, li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do participante de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

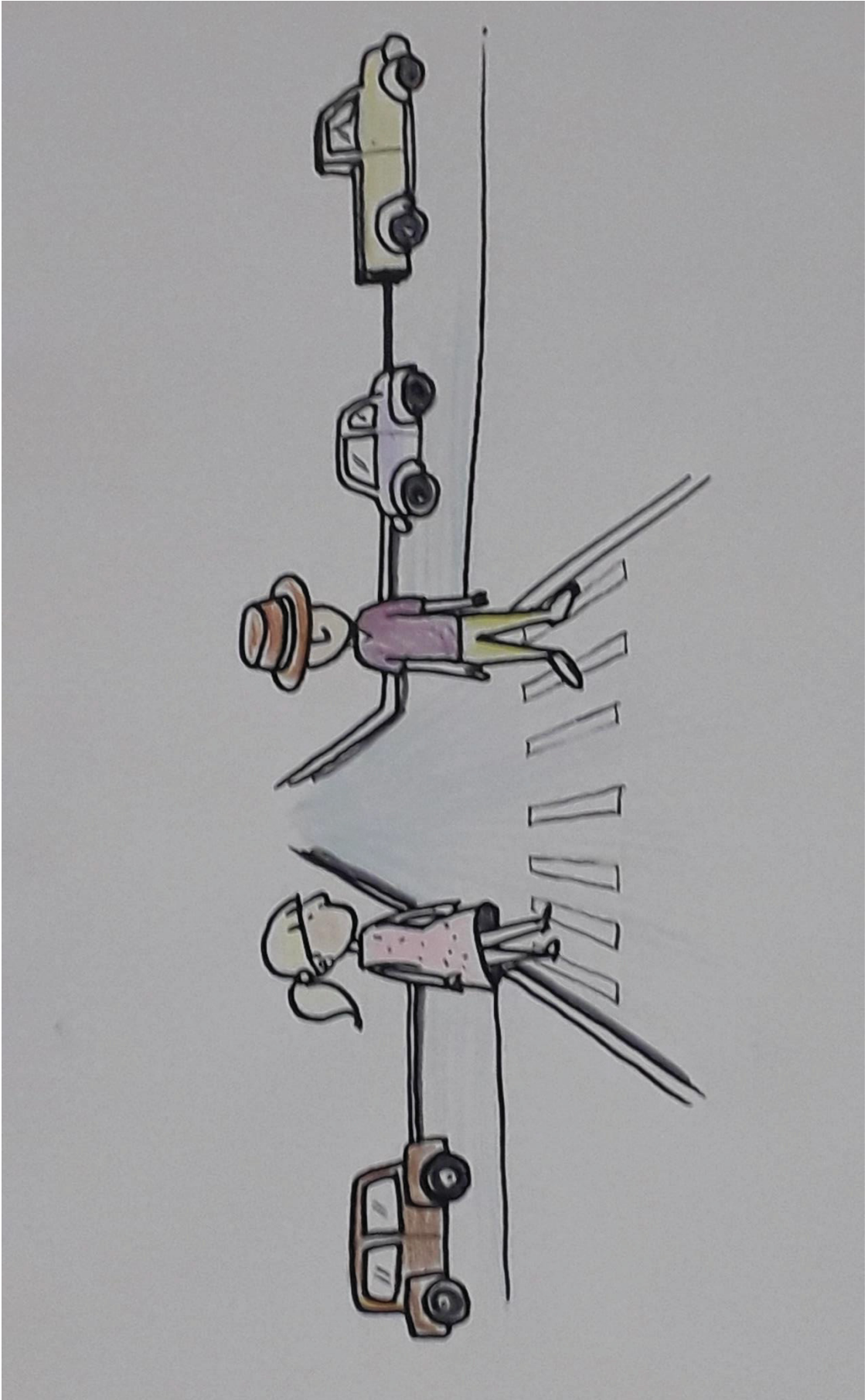
Assinatura do Pesquisador

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa
em Seres Humanos do Setor de Ciências da
Saúde/UFPR.
Parecer CEP/SD-PB nº 2068139
na data de 17/05/2017

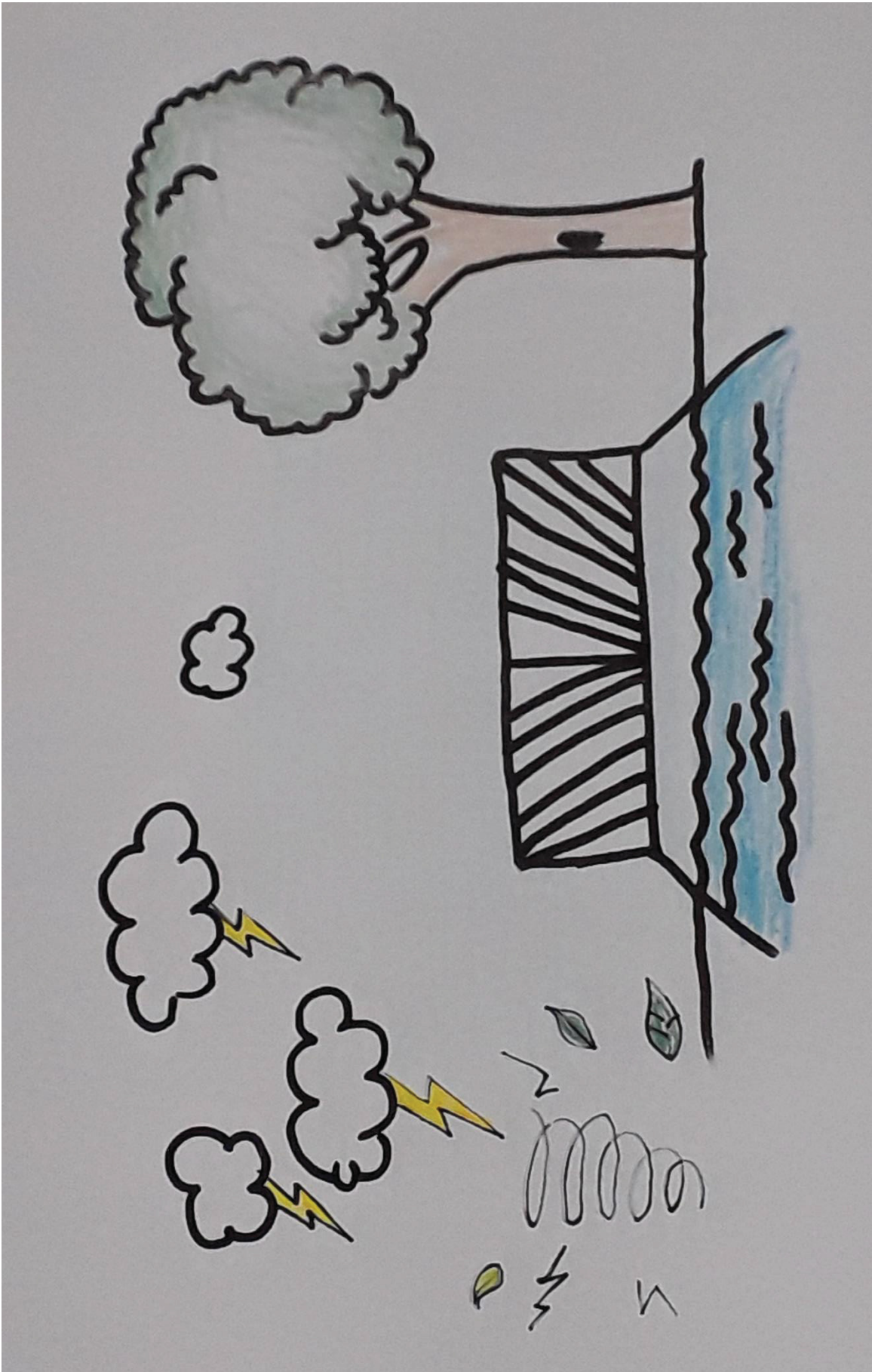
Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa
em Seres Humanos do Setor de Ciências da
Saúde/UFPR.
Parecer CEP/SD-PB nº 2068139
na data de 17/05/2017

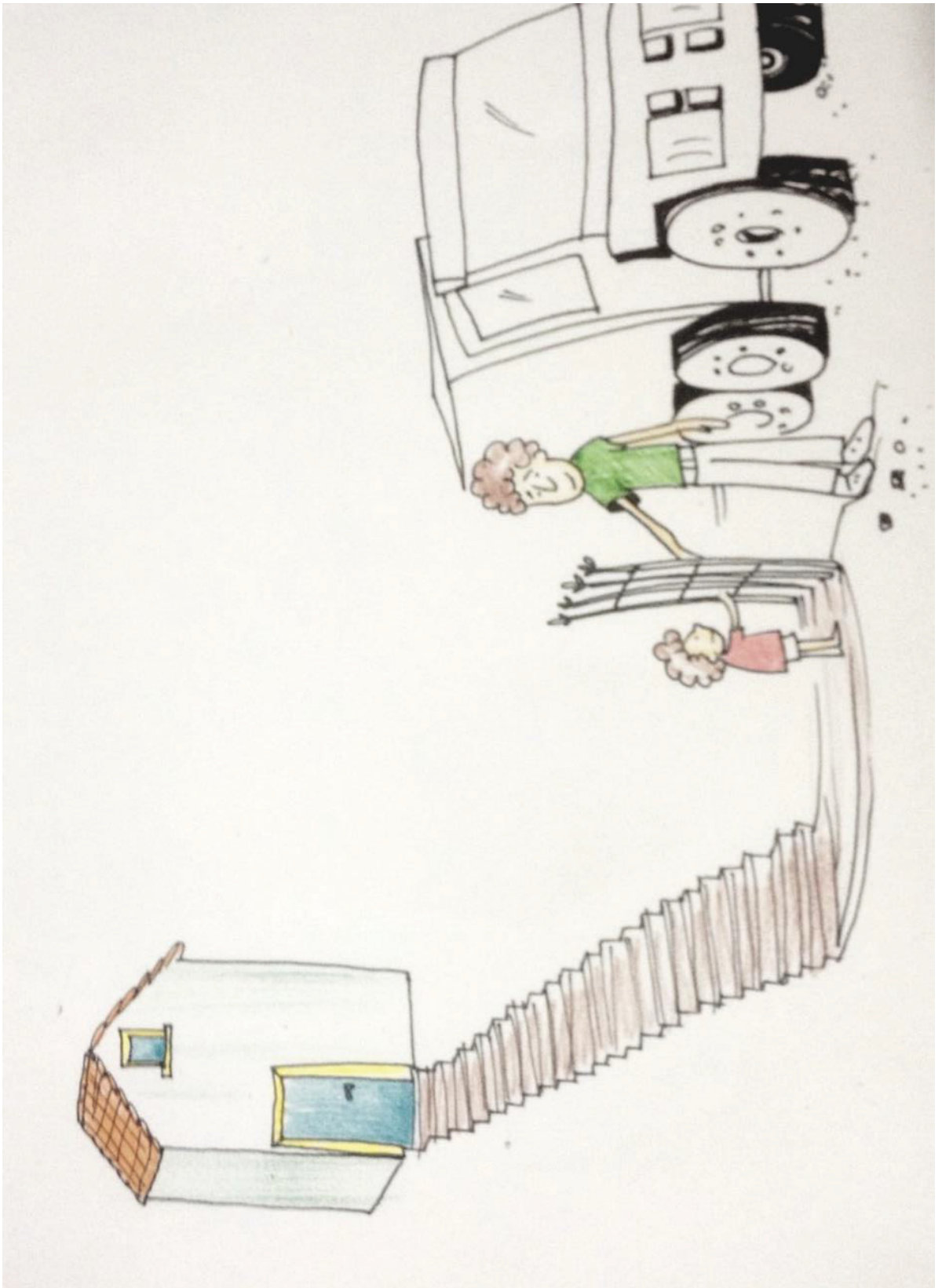
Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
Rua Padre Camargo, 285 – Térreo – Alto da Glória – Curitiba-PR – CEP:80060-240
Tel (41)3360-7259 - e-mail: cometica.saude@ufpr.br

ANEXO D: Desenhos dos sonhos trabalhados no quarto encontro













1...
2...
3...
4...
5...
6...
7...

